

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA
CIDADE DE DEUS

AGRAVAMENTOS EM PROBLEMAS DE SAÚDE FÍSICA E MENTAL



RIO DE JANEIRO, BRASIL

Julho 2021

Cristiane Martins
Anjuli Fahlberg
Jacob Portela
Sophia Costa
Mirian de Andrade
Jeferson Pereira
Shelley Li

Autores

Cristiane Martins, Assistente Social, Casa de Santa Ana, Rio de Janeiro, RJ. Coordenadora de Campo, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Anjuli Fahlberg, PhD. Professora Adjunta de Sociologia, Tufts University, Medford, Massachusetts, USA. Pesquisadora Responsável, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Jacob Portela, Analista de Gestão em Saúde de Farmanguinhos/Fiocruz. Mestre em Ciência Política - Universidade Federal Fluminense- UFF. Consultor, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Sophia Costa, Estudante de Graduação em Sociologia, Tufts University, Medford, Massachusetts, USA. Assistente de Pesquisa, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Mirian de Andrade, Coordenadora, ASVI CDD, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, RJ. Consultora, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Jeferson Pereira, Assistente de Marketing, B2W Digital. Assistente de Pesquisa, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos. Rio de Janeiro, RJ.

Shelley Li, Estudante de Pós-Graduação em Economia, Tufts University. Analista de Dados, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Material gráfico: **André Pacheco**

Financiador

Faculty Research Award, Office of the Vice Provost for Research, Tufts University
Diversity, Education, Inclusion and Justice Grants-in-Aid,
Office of the Vice Provost for Research, Tufts University

© Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos, 2021
Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil
www.construindojuntos.com

Pesquisa aprovada pelo Social, Behavioral and Educational Institutional Review Board (Comitê de Ética em Pesquisa sobre Temas Sociais, de Comportamento e de Educação), Tufts University: STUDY00000636.

Introdução

A Cidade de Deus tem sido uma das comunidades do Rio de Janeiro mais impactadas pelo coronavírus e outros problemas de saúde. Este relatório apresenta uma visão ampla do impacto da pandemia, não somente em casos e mortes de COVID-19, mas também em outras condições físicas e mentais de saúde. Os dados aqui apresentados vêm de uma pesquisa realizada entre outubro de 2020 e março de 2021 pelo Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos, composto por pesquisadores e moradores da Cidade de Deus. A pesquisa teve participação de centenas de moradores da CDD. Os dados quantitativos aqui apresentados foram coletados entre fevereiro e março de 2021, representando 648 moradores de diversas raças, idades, gêneros e áreas. Este documento identifica os temas mais urgentes e diretos da pandemia nesta comunidade. Este relatório é o segundo da pesquisa, após um primeiro relatório descrevendo o impacto da pandemia nas condições econômicas dos moradores da CDD.

De acordo com o Painel Rio Covid-19 da Secretaria Municipal de Saúde, até dia 22 de junho de 2021, houveram 1357 casos e 160 mortes de COVID-19 na Cidade de Deus. Porém, nossa pesquisa indica que estes números são muito mais baixos que os números reais. Encontramos que 38% dos respondentes tiveram sintomas de COVID-19, contando com 9,4% que tiveram testes positivos. Além disso, mais da metade (61%) dos moradores tiveram amigos ou familiares da CDD que faleceram por COVID-19. Pessoas pretas e pardas tiveram mais probabilidade de perder familiares e amigos íntimos pela COVID-19 do que pessoas brancas. Três por cento dos respondentes perderam um familiar dentro de casa.

A pandemia causada pela COVID-19 também agravou o sofrimento relacionado a doenças crônicas, como diabetes, câncer e outros tipos de doenças, que continuam elevadas durante a pandemia. Na verdade, mais pessoas morreram por outras doenças do que por COVID-19. Isso indica que a pandemia de COVID-19 mascarou uma outra pandemia de problemas de saúde física que já estava acontecendo por décadas na CDD e que tem piorado graças à falta de leitos e consultas médicas, e os perigos de se sair de casa e ir ao médico para procurar ajuda. Até antes da pandemia, muitos moradores tinham dificuldades em acessar médicos, exames, medicamentos e tratamentos necessários para se cuidarem. Durante a pandemia, esses desafios ficaram ainda mais elevadas, trazendo pioras em vários outros ramos da saúde física da comunidade.

Introdução

Os moradores da CDD também estão sofrendo um agravamento significativo em problemas de saúde mental: 88% dos respondentes da pesquisa relataram que sua saúde mental piorou durante a pandemia e mais de 80% das casas relataram uma piora na saúde mental de crianças e adolescentes. Os piores sintomas foram o estresse, a ansiedade, dificuldade para dormir e falta de ânimo para fazer as coisas. Relatos de moradores indicam que alguns dos motivos mais comuns para a piora na saúde mental foram o isolamento social, preocupação em como pagar as contas, o medo de contrair o coronavírus, as mortes de familiares e amigos e a preocupação com o bem-estar dos filhos.

Ao mesmo tempo, vemos que, em geral, os moradores tomaram pelo menos algumas medidas para se cuidarem, usando máscaras dentro de lojas e restaurantes e álcool gel para limpar as mãos e as casas. Além disso, a maioria (94%) dos respondentes acreditam que o coronavírus existe de verdade e 76% acreditam que usar máscaras evita o contágio do vírus. Oitenta por cento dos respondentes pretendem tomar a vacina contra a COVID-19 quando ela estiver disponível.

Porém, no contexto atual, essas medidas não têm sido suficientes para conter o coronavírus ou os outros efeitos da pandemia. Os graves impactos da pandemia exacerbaram tanto problemas físicos quanto mentais, deixando a comunidade em um estado severo de mal-estar e riscos de morte, não somente pelo coronavírus, mas por outras doenças. É de extrema urgência que novas políticas públicas sejam desenvolvidas para cuidar da saúde física e mental dos moradores, tanto crianças e idosos quanto adultos.

Resumo dos Dados

- 38% dos respondentes tiveram COVID-19 ou sintomas de COVID-19, sendo que 9,4% testaram positivo.
- 68% das casas tiveram pelo menos uma pessoa que testou positivo para COVID-19 ou tiveram sintomas de COVID-19.
- 61% dos respondentes tiveram amigos ou familiares na Cidade de Deus que faleceram com sintomas de COVID-19. Mais pessoas pretas perderam amigos e familiares que pessoas brancas (64% comparado com 52%).
- Mais pessoas faleceram por doenças crônicas e outras doenças que com sintomas de COVID-19. Em total, os respondentes da pesquisa relataram um total de 41 mortes por COVID-19 e 59 mortes por outras doenças, dentre pessoas morando na sua casa.
- 88% dos respondentes tiveram um agravamento de problemas psicológicos. Em 82% das casas com crianças, pelo menos uma criança sofreu um agravamento de problemas mentais.
- Muitas pessoas se empenharam em se cuidarem. Quase todas relataram usar máscaras em comércios e transportes públicos, e 76% usaram álcool gel para lavar as mãos várias vezes por dia.
- A grande maioria dos respondentes (80%) pretendem tomar a vacina quando estiver disponível. Somente 5% não tomarão, sendo que 15% ainda estão indecisos.

Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos

O Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos (CJ), fundado em 2019, tem como missão trazer voz e legitimidade ao "saber periférico", ou seja, o conhecimento e formas de ver o mundo de pessoas das periferias urbanas. Somos uma parceria entre pesquisadores e moradores de comunidades periféricas, com foco na Cidade de Deus. Membros da nossa equipe tem bases em várias instituições no Rio de Janeiro, Brasil e na Tufts University, perto de Boston, Massachusetts (EUA).

Nossas pesquisas utilizam uma diversidade de metodologias, porém todas têm base nos princípios de Pesquisa de Ação Participativa. Focamos em três objetivos: (1) A liderança e participação de moradores da comunidade em todas as fases da pesquisa, incluindo decisões sobre temas de pesquisa, metodologias, análise e divulgação dos dados; (2) Educação coletiva, onde todos os participantes da pesquisa aprendem uns com os outros por diálogo e co-produção de sabedoria; e (3) A promoção de mudanças sociais e políticas para o melhoramento de comunidades periféricas.

Metodologia

Para esta pesquisa, foi essencial criar uma metodologia que captasse as vozes de uma grande diversidade de moradores, sem colocar a equipe de pesquisa em risco de contrair o coronavírus. Decidimos realizar o estudo de maneira completamente online, utilizando diversas plataformas e aplicativos digitais, tais como redes sociais, WhatsApp e Zoom, para nos encontrarmos com participantes de instituições locais, ONGs e lideranças comunitárias e disseminar a pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (Institutional Review Board) da Tufts University, onde a Dra. Anjuli Fahlberg, co-diretora do Coletivo Construindo Juntos, é Professora Adjunta em Sociologia.

Nossa abordagem captou a voz de mais de mil pessoas, porém, não podemos negligenciar o fato de que muitos moradores da CDD não têm celulares ou acesso à internet, e outros não têm conforto em se sentar e responder uma longa pesquisa online. Portanto, é bem provável que a pesquisa não tenha captado as pessoas mais carentes da comunidade: os dados que divulgamos representam, no geral, uma população mais conectada e fluente em uso de tecnologia.

A pesquisa foi realizada em quatro fases.

Fase 1: Fórum com Provedores Locais

Em outubro de 2020, realizamos um fórum com representantes de 15 ONGs locais que têm oferecido assistência aos moradores mais afetados pela pandemia. Participantes do fórum, cuja maioria são também moradores da Cidade de Deus (CDD), têm presenciado diretamente o impacto da pandemia, especialmente em famílias carentes, crianças e adolescentes, idosos, e pessoas com doenças crônicas.

Fase 2: Coleta de Histórias

Na segunda etapa, realizada entre outubro e novembro de 2020, pedimos aos moradores da CDD para nos enviarem depoimentos de como a pandemia afetou suas vidas. Cada participante compartilharia o que quisesse, nos contando como a pandemia afetou a saúde física e mental, situação econômica, acesso à educação, trabalho, relações familiares, o ambiente público e social ou qualquer outro assunto que foi de grande impacto aos moradores. Com ajuda da página de Facebook CDD Acontece, divulgamos um link no qual moradores com mais de 18 anos compartilharam suas histórias anonimamente. Recebemos um total de 138 histórias.



Fase 3: Dados Quantitativos

Após analisarmos os temas mais comuns das histórias, montamos um questionário para captar a extensão dessas dificuldades pelo território de uma forma quantitativa. As perguntas foram apresentadas aos articuladores locais e passou por várias revisões com moradores da CDD. O questionário final teve, no total, 84 perguntas, divididas entre os temas (1) Trabalho e Renda; (2) Educação, Crianças e Adolescentes; (3) Saúde Física e Mental; (4) Relações Familiares; (5) Resiliência e Ajuda Comunitária; e (6) Opiniões e Observações sobre o coronavírus.

Coletamos os dados da pesquisa por um mês, entre início de fevereiro e início de março de 2021. O questionário foi divulgado em diversas redes sociais, grupos de WhatsApp e listas de transmissão. Para captar um público diverso e representativo da comunidade, divulgamos o link pela página do Facebook CDD Acontece, que é seguida por mais de 100.000 pessoas e quase todos os moradores da Cidade de Deus.

Como muitos moradores moram nas periferias da Cidade de Deus, além dos limites impostos pelo Correio ou pelo mapa oficial da CDD definido pelo município, a pesquisa convidou qualquer pessoa acima de 18 anos que se considerava morador da Cidade de Deus a preencher o questionário. No total, 648 pessoas completaram o questionário inteiro e mais 215 outras pessoas tiveram participação parcial.

Fase 4: Disseminação dos Dados

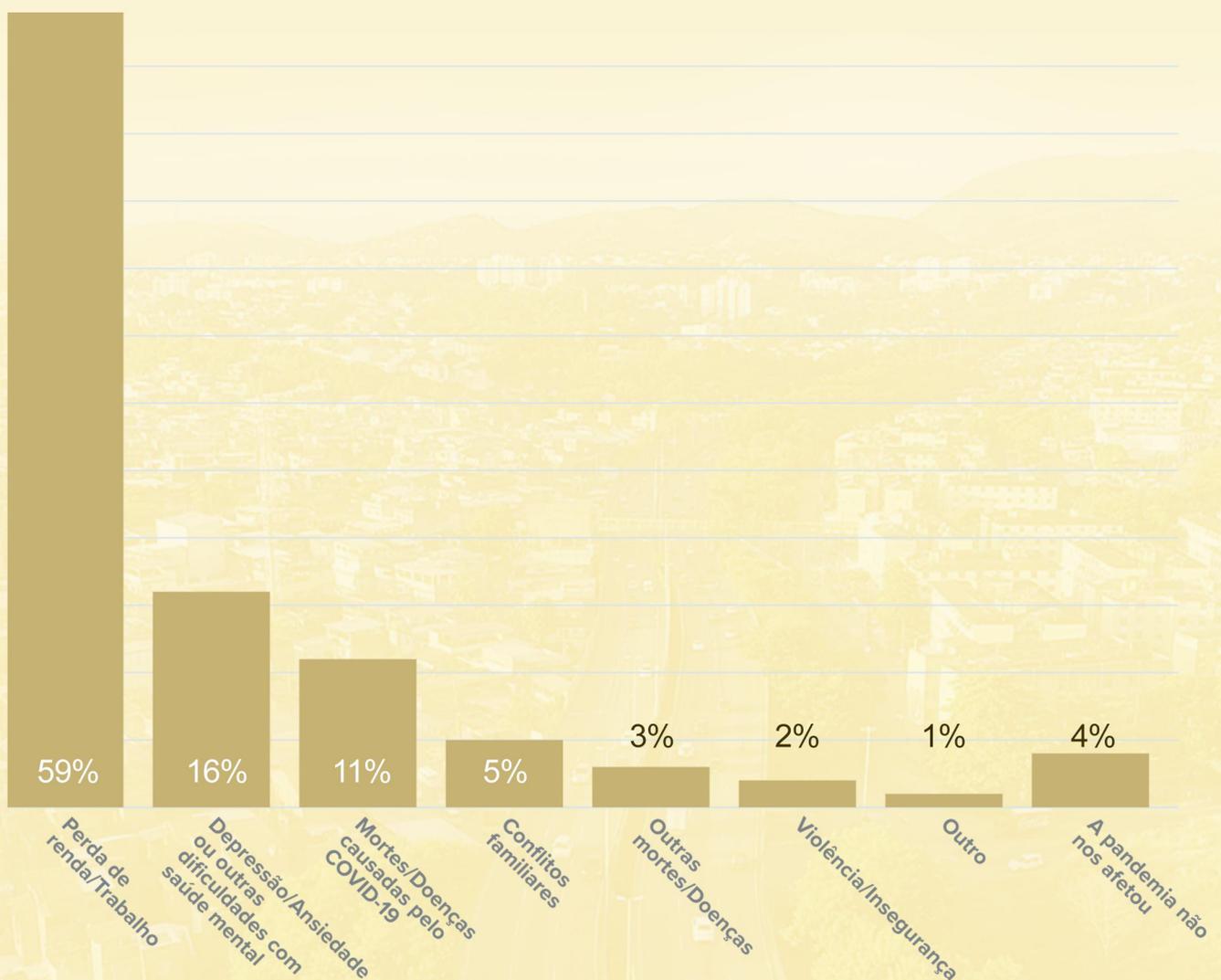
Realizamos, no final de março, uma apresentação dos dados com moradores e articuladores locais para decidirmos juntos a melhor forma de divulgar a pesquisa. Decidiu-se que o impacto da perda de renda e trabalho foi o tema mais urgente, o que motivou o preparo do primeiro relatório. Numa segunda apresentação, foi decidido que o agravamento em problemas de saúde foi o segundo tema mais urgente. Um terceiro relatório sobre a educação e saúde será lançado logo. Também compartilhamos os dados com a mídia e representantes do estado.

Respondentes da pesquisa

Os detalhes dos participantes da pesquisa se encontram no primeiro relatório, “O Impacto da Pandemia na Cidade de Deus: O Grave Estado Econômico da Comunidade”. Notamos brevemente que os respondentes representam a distribuição geográfica da comunidade por todas as suas “partes” diferentes, do AP 1 e 2 até a Comunidade Guarany e Tangará/Santa Efigênia. Também tivemos representação racial, sendo que quase metade (47%) se identificaram como pretos, 36% como pardos e 15% como brancos. Houve mais mulheres (78%) do que homens (21%), e duas pessoas se identificaram como trans/outro.

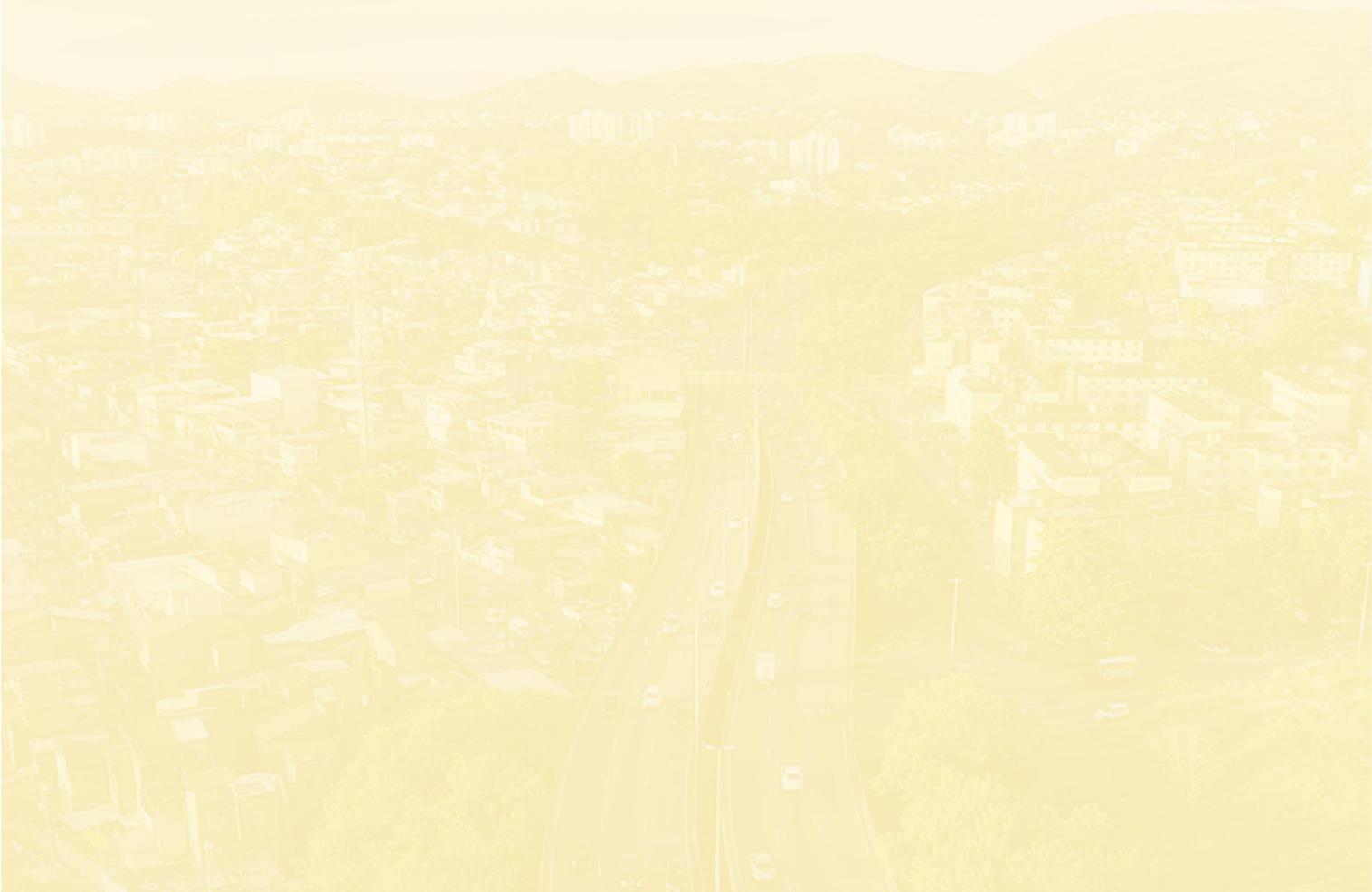
Resultado da pesquisa

O que mais impactou moradores durante a pandemia



Resultado da pesquisa

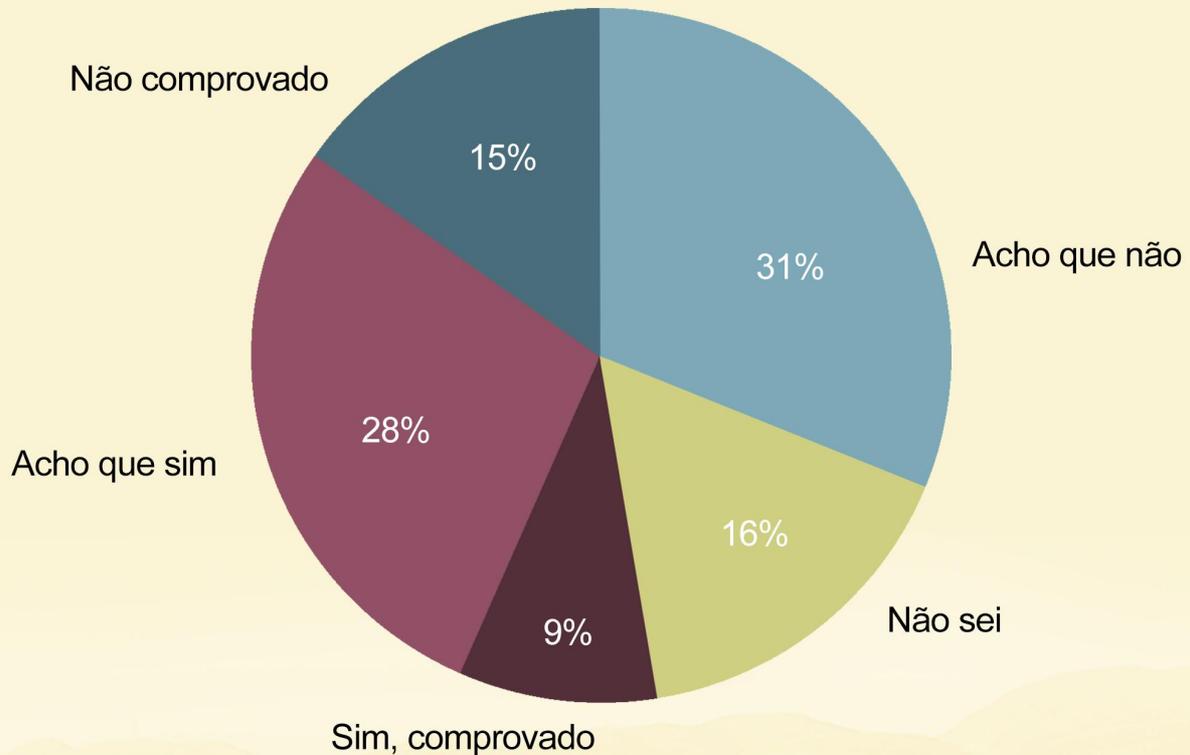
Esses dados apontam que, apesar de a Cidade de Deus, como outras favelas, ter sido mais impactada por contaminações e mortes de COVID-19¹, as perdas de renda e trabalho sofridas pelos residentes da comunidade impactaram-nos mais fortemente ainda. Essa dinâmica já era perceptível na fase 2 deste estudo, na qual, para cada história sobre casos e mortes por COVID-19, existiam muitas outras histórias sobre perdas de renda e emprego. Ao mesmo tempo, a falta de relatos sobre casos e mortes por COVID-19 pode ser uma consequência da falta de políticas adequadas de testagem para a doença em favelas como a CDD. Logo, como já notado no primeiro relatório deste estudo, esses dados apontam a importância de políticas de renda básica e garantia de emprego, pareadas com iniciativas de cuidado para o bem-estar físico e emocional da comunidade.



1 "Covid-19 Favelas: Fiocruz aponta que pandemia tem mais impacto em áreas pobres do Rio." Fiocruz. Acessado Junho, 2021. <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/covid-19-favelas-fiocruz-aponta-que-pandemia-tem-mais-impacto-em-areas-pobres-do-rio>

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Você teve Covid-19?



O gráfico acima mostra quantas pessoas tiveram COVID-19 dentro da nossa amostra: 9,4% tiveram teste positivo de COVID-19 e mais 28,3% acreditam que tiveram COVID-19 mas não fizeram teste.

Nota-se que somente 24,2% dos respondentes tiveram acesso a testes de COVID-19, sendo que 9,4% testaram positivo e 14,8% testaram negativo. O baixo índice de testagem de bairros precarizados gera subnotificação de casos e óbitos de COVID-19. Isso pode futuramente ocasionar complicações para os moradores da favela e os provedores de saúde locais. Afinal, conforme estudos vêm demonstrando, é possível que residentes que tiveram COVID-19 desenvolvam sequelas, independentemente de sua idade. Se esses indivíduos não forem propriamente diagnosticados de forma apropriada com COVID-19 antes, ficarão comprometidos o monitoramento, o diagnóstico e o tratamento de tais sequelas.

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Você teve Covid-19?

É importante destacar que em três exames soroepidemiológicos realizados pela Prefeitura do Rio de Janeiro, juntamente com o IBOPE em 2020, a Cidade de Deus mereceu destaque em relação a casos positivos de COVID-19. No primeiro,² divulgado em 22 de junho, a Cidade de Deus teve o maior percentual de casos positivos nas seis regiões pesquisadas, com 28% testando positivo.

O levantamento analisou 3.210 coletas de testes rápidos feitos em moradores de seis regiões: Rocinha, Maré, Cidade de Deus, Rio das Pedras, Realengo e Campo Grande. Já no segundo estudo,³ a CDD ficou em segundo em número de infectados, ficando em primeiro o Rio das Pedras.

O percentual de infectados na CDD caiu de 28% para 17,8% das amostras coletadas. No terceiro inquérito,⁴ a CDD manteve o segundo lugar em número de infectados, com 15,4%.



2 - Inquérito Soroepidemiológico Covid-19." Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ). Acessado Junho, 2021. <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=f3d95aef1cfd4dd08b7ee566627666f9&fbclid=IwAR1QRJ4zMF1RHF8IJ92GSoOAl08YSrWaDFG7a>

3 - Inquérito Soroepidemiológico Covid-19." Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ). Acessado Junho, 2021. <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=f3d95aef1cfd4dd08b7ee566627666f9&fbclid=IwAR1QRJ4zMF1RHF8IJ92GSoOAl08YSrWaDFG7aRKYMyXyTPiluVcTREgs1wM>

4 - "Inquérito Soroepidemiológico Covid-19." Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ). Acessado Junho, 2021. <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=f3d95aef1cfd4dd08b7ee566627666f9&fbclid=IwAR1QRJ4zMF1RHF8IJ92GSoOAl08YSrWaDFG7aRKYMyXyTPiluVcTREgs1wM>

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Em outro levantamento realizado pela Fiocruz⁵ em 21 de junho de 2020, a CDD apresentou o maior índice de incidência e letalidade por Covid-19 em comparação com as comunidades Alemão, Pavão Pavãozinho Cantagalo, Jacarezinho, Rocinha e Mangueiras. Portanto, os quatro levantamentos mostram que de fato a CDD foi severamente impactada pela pandemia.

Até o dia 22 de junho de 2021, segundo o Painel Rio Covid-19 da Secretaria Municipal de Saúde, a CDD tinha 1357 casos e 160 óbitos.

No gráfico abaixo, observa-se o grande impacto da COVID-19 nas casas, não só nos respondentes. De acordo com nossa pesquisa, mais de um quinto das casas (22%) tiveram pelo menos uma pessoa com teste positivo de COVID-19.

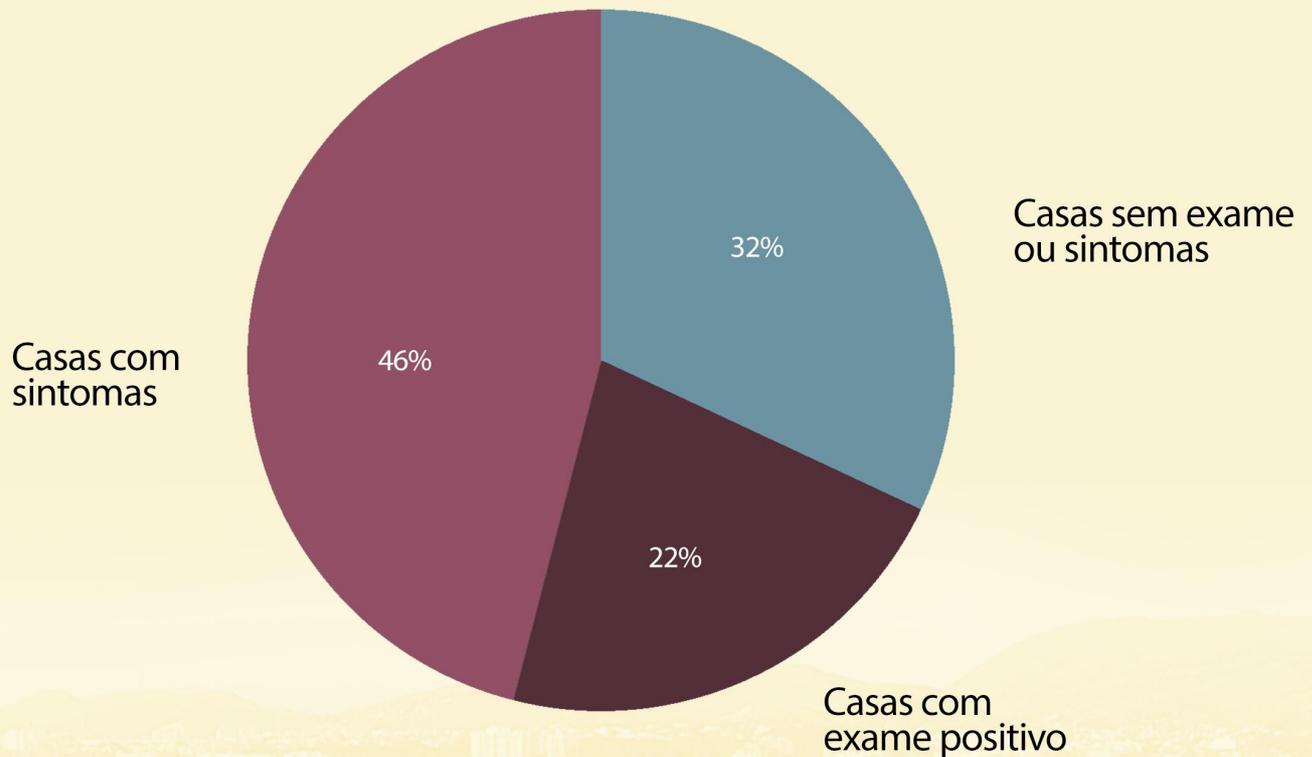


5 "Boletim Socioepidemiológico da Covid-19 nas favelas." Fiocruz. Acessado Junho, 2021.

https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_socioepidemiologicos_covid_nas_favelas_1.pdf?fbclid=IwAR1YSfL9JeqwnL3XzsJdbh0c-iJyfcihzvnZM_9GycEnVGVVn9_APjZQRA

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Casas com Covid-19

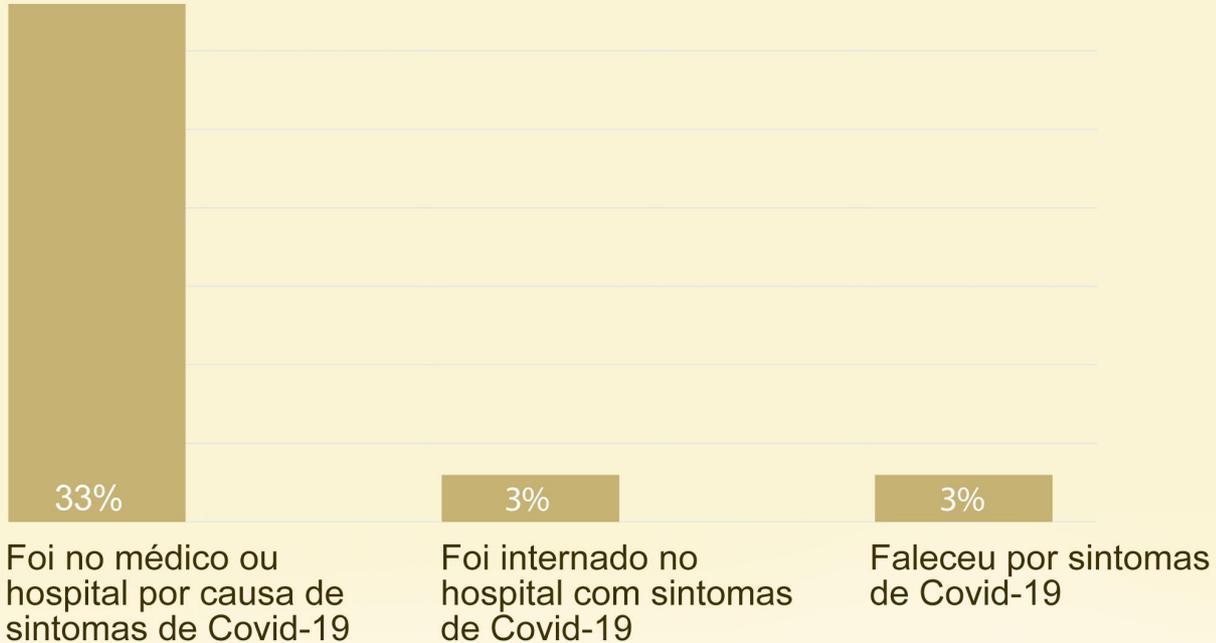


46% das casas tiveram pessoas com sintomas de COVID-19 mas não fizeram teste para confirmar. No total, percebemos que 68% das casas tiveram indicadores de COVID-19 entre março de 2020 e março de 2021. Essas informações corroboram com a conclusão de que deve-se expandir o acesso à testagem, sobretudo em bairros marginalizados como a CDD, onde casas frequentemente abrigam mais de uma família e não há espaço ou recursos para se praticar o distanciamento social.

“ [A pandemia] não foi boa pois eu a minha família pegamos covid 19 sensação muito ruim sem recursos no upa muito conhecido meu morreram aqui na Cidade de Deus tem que ter melhorias na cdd. ”

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Casas que sofreram impacto de Covid-19

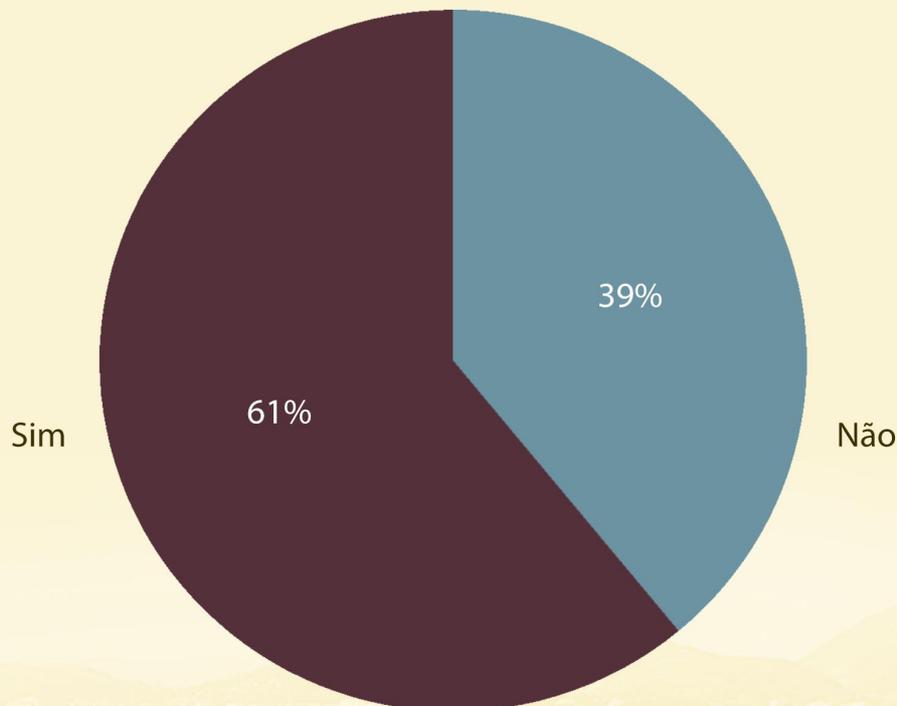


Podemos enxergar que em muitas casas, a COVID-19 trouxe impactos mais graves. Em um terço das casas, pelo menos um membro da família teve que ir ao médico ou hospital para receber tratamentos relacionados aos sintomas de COVID-19. Em 3% das casas, pelo menos uma pessoa foi internada, e em 3% das casas, uma pessoa chegou a falecer com sintomas de COVID-19. Participantes da pesquisa relataram 41 mortes em total dentro de casa. Não é difícil imaginar o impacto que essas mortes teriam nos familiares e vizinhos, tanto pelo trauma e sofrimento de perder uma pessoa querida, quanto o estresse e o medo de contrair e falecer por causa do coronavírus também.

“ A pandemia primeiramente nos afetou psicologicamente o medo de pegarmos esse vírus nos deixou muito assustado,tivemos um tio que pegou e ficou mal no hospital,depois foi em questão financeira pois não tínhamos mas data pra receber nosso salário e o medo de passarmos necessidade era grande. ”

“ A pandemia veio como um tiro para mim, fiquei isolada com toda a minha família, mas isso não impediu que minhas mãe, meu pai e todos fossem contaminados bem próximos de mim, minha mãe ficou muito doente, não fizemos o teste para confirmar,mas ela teve todos os sintomas,cuidamos dela em casa e acabei contraindo o virus (nao fiz teste para confirmar) mas conseguimos salvar a minha mãe. Porém perdi o meu pai para a covid 19. Dia 11 de maio meu pai foi interrado e no seu laudo estava escrito q ele estava contaminado com corona vírus. Ah, ninguém está preparado pra perder ninguém né verdade, eu e meus irmãos ainda não conseguimos entender a sua partida. ”

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Respondentes que tiveram pelo menos um amigo ou familiar da CDD fora de casa que faleceu com suspeita de Covid-19

Este gráfico mostra quantos respondentes tiveram amigos ou familiares fora de casa, mas dentro da Cidade de Deus que faleceram com suspeita de COVID-19. Podemos ver que, em março de 2021, 61% dos respondentes conheciam pelo menos uma pessoa na CDD que faleceu com COVID-19. Esse dado vai de encontro às conclusões de um estudo realizado pelo Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) na mesma época de aplicação desta pesquisa, o qual encontrou que entre a população jovem e adulta do Rio de Janeiro, a COVID-19 mata até três vezes mais nos bairros precarizados do que nos ricos.⁶

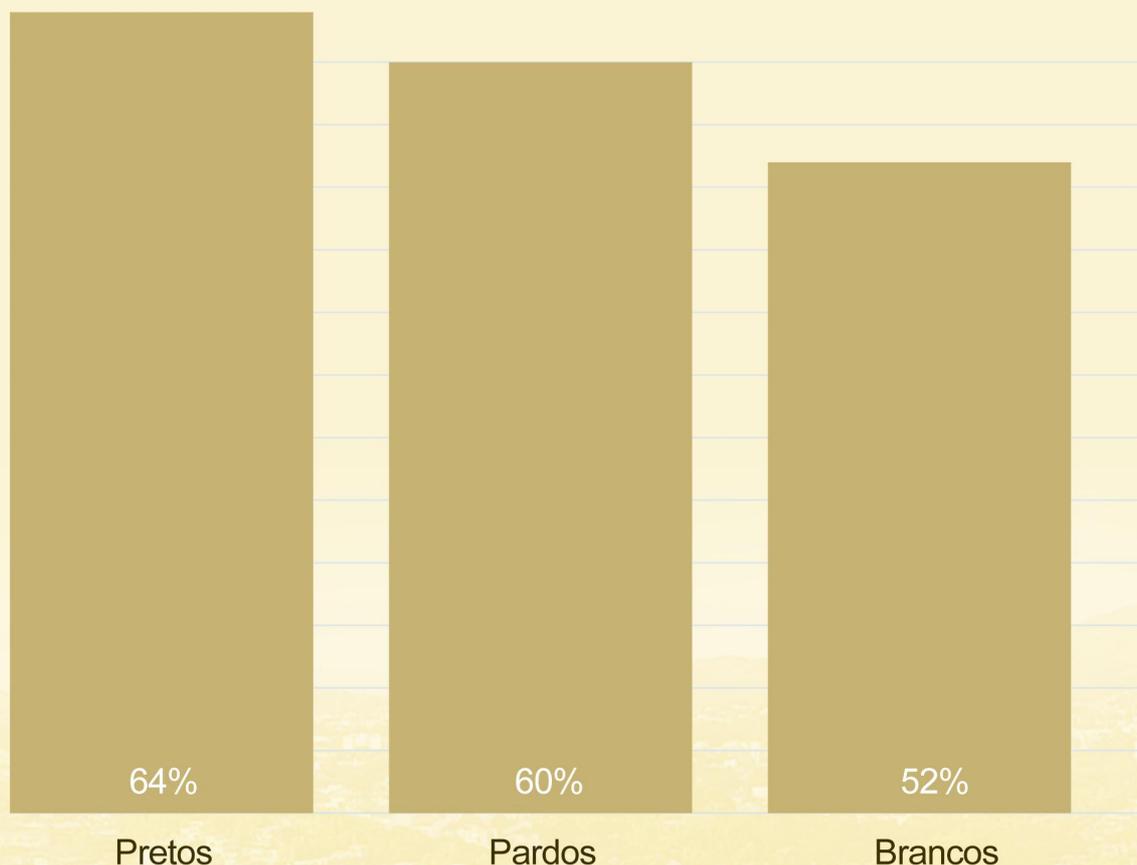
Em julho de 2020, se estimava que nos primeiros meses da pandemia no Brasil, uma pessoa infectada poderia, em média, contaminar outras 3 pessoas⁷ 61% dos entrevistados, hipoteticamente, poderiam estar contaminados com coronavírus sendo potenciais transmissores colaborando para tendência de crescimento da curva de contágio.

6 - "Covid-19 mata mais na periferia do que em bairros nobres do Rio." Agência Brasil. Mar 3, 2020. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/covid-19-mata-mais-na-periferia-do-que-em-bairros-nobres-do-rio>

7 - de Souza, William Marciel et al. "Epidemiological and clinical characteristics of the Covid-19 epidemic in Brazil." Nature Human Behaviour. 31 Jul, 2020. <https://www.nature.com/articles/s41562-020-0928-4>

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Respondentes que tiveram pelo menos um amigo ou familiar da CDD fora de casa que faleceu com suspeita de Covid-19, por raça.



Como podemos ver, o trauma de perder um amigo íntimo ou familiar por COVID-19 não foi distribuído igualmente entre as raças. Enquanto 52% de pessoas brancas sofreram mortes de amigos e familiares por COVID-19, 64% de pessoas pretas relataram terem passado por este problema. Ou seja, 12% a mais de pessoas pretas e 8% a mais de pessoas pardas do que brancas vivenciaram a morte de alguém íntimo por COVID-19 na CDD. Esse dado é mais uma evidência de que a pandemia tem afetado desproporcionalmente pessoas pretas e pardas no Brasil. Também, ele aponta a necessidade de se elaborarem e fortalecerem políticas públicas de acolhimento emocional durante e após a pandemia, sobretudo para as populações pretas e pardas.

“ Por causa da pandemia Perdi muitos amigos que morreram em decorrência da covid-19 ainda me encontro muito abalada pois a todo tempo recebo a notícia através do celular que mais um companheiro perdeu a vida sou funcionária dos correios e lá muitos carteiros estão infectados.

”

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Comportamentos de higiene e prevenção ao Covid-19 durante a pandemia



Perguntamos se as pessoas seguiram as recomendações de uso de máscara, álcool e quarentena durante a pandemia. Aqui podemos ver que o uso de máscara dentro de lojas, ônibus e restaurantes foi muito alto, provavelmente porque foi obrigatório. O uso de álcool para higienizar as mãos também foi elevado, indicando que os moradores se esforçaram evitar a contaminação pelo coronavírus.

Ao mesmo tempo, constata-se que muitas pessoas indicaram ter participado de eventos sociais lotados (com mais de 10 pessoas). Um quarto dos respondentes participaram de festas e outras aglomerações dentro de casa, e 27% compareceram em eventos sociais grandes fora de seu domicílio. O distanciamento social é fundamental para evitar o espalhamento do vírus, porém há uma certa exaustão deste hábito, pois, há quase um ano, as pessoas evitam estar com familiares e amigos, o que gera um custo emocional importante. A dinâmica de favelas e periferias com famílias numerosas e espaços de convivência familiar pequenos é um outro fator que traz essa característica particular de encontros sociais com mais de 10 pessoas. Por estes motivos, não surpreende que muitos entrevistados tenham participado de aglomerações.

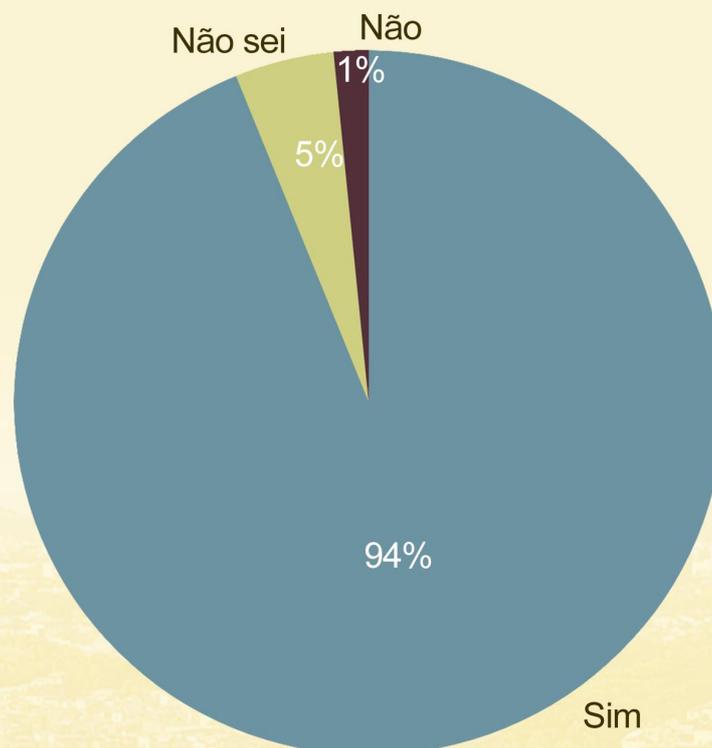
“ Eu estive atuando na frente com todos os cuidados provável para não me contaminar e não contaminar minha família e todas às vezes que chegava em casa minha esposa logo me lembrava dos processos de higiene. Mais no dia 01/10/20. Fui surpreendido ao fazer o exame foi constatando que eu tinha sido contaminado mais interessante que eu não tive nada que me abate-se como febre, paladar, olfato, dores no corpo, falta de ar. ”

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Perspectivas sobre a Covid-19

A pesquisa também perguntou aos respondentes sobre suas opiniões e atitudes em relação ao COVID-19 e a diversas ideias sobre o vírus e como tratá-la.

Pessoas que acreditam que a Covid-19 existe



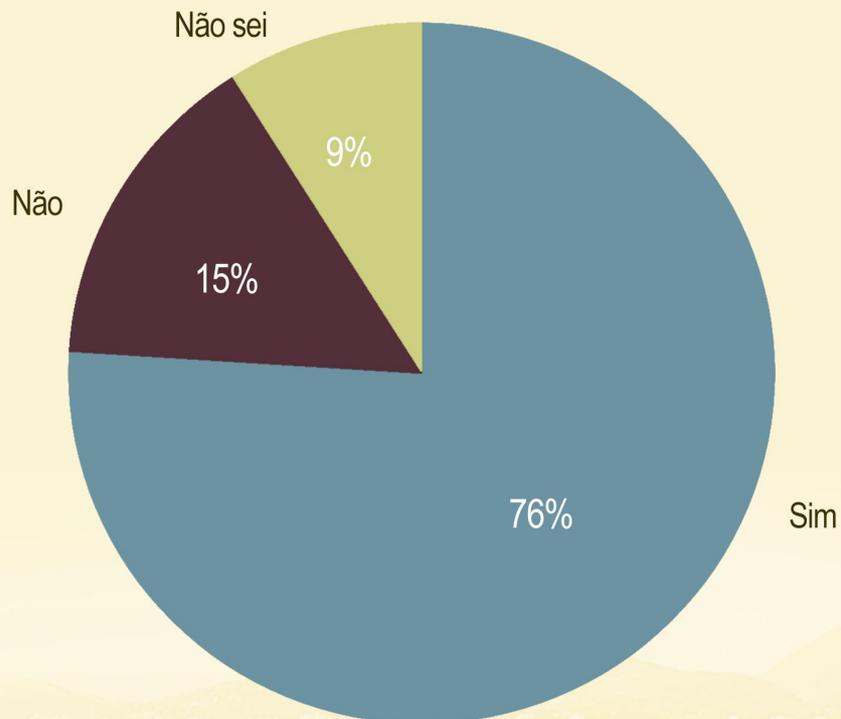
Podemos notar que a maior parte dos respondentes (94%) acreditam na existência do coronavírus. 4,8% não sabem se o coronavírus existe, e somente 0,9% negam a existência do vírus.

Muito tem se falado sobre o negacionismo, ou a crença de que a COVID-19 não existe de verdade. Porém, esse problema não parece ter sido tão prevalente na Cidade de Deus quanto em outros lugares. É possível que os moradores da CDD, por verem muitos de seus familiares, amigos e vizinhos falecerem de COVID-19, introjetaram que o coronavírus não é um mito, e sim uma realidade muito prevalente e perigosa.

Isso não quer dizer que os boatos ou fake news em relação ao coronavírus não têm se espalhado pela comunidade. Informalmente em rodas de conversas, não é incomum falas como “quem bebe cachaça é imune” ou “já peguei isso [COVID-19]” etc. Essas atitudes podem contribuir para a baixa adesão às medidas preventivas contra o vírus.

Resultados da Pesquisa: COVID-19

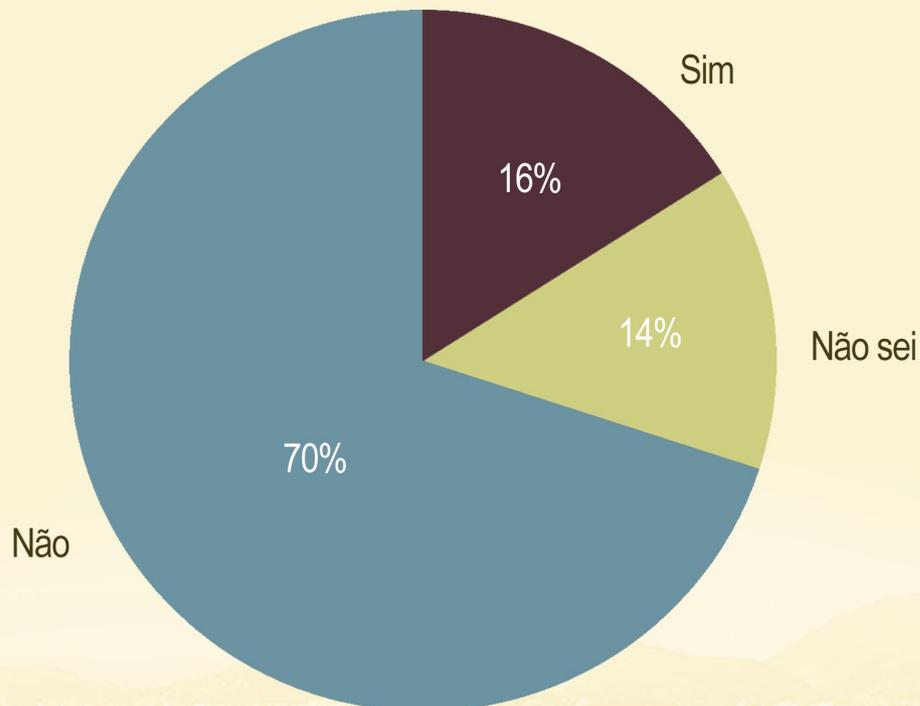
Pessoas que acreditam que usar máscara elimina o contágio do coronavírus



O problema do negacionismo também está presente nas opiniões dos moradores da CDD sobre as medidas de combate ao vírus. 24% dos respondentes não acreditam ou não sabem se o uso de máscara previne o contágio por coronavírus. Tem sido bem documentado por cientistas que o uso de máscara é uma das principais estratégias para evitar a disseminação do coronavírus, então é preocupante que uma porcentagem importante dos respondentes não acreditem ou não sabem que o seu uso evita o contágio. Há ainda que se especular se os respondentes que reportaram usar máscara realmente usam-na corretamente, pois sabe-se que muitas pessoas portam a máscara abaixo do nariz ou no queixo, o que compromete a eficácia deste equipamento. Além de ajudar a explicar o alto índice de contágios por coronavírus na comunidade, esses dados sugerem que pode haver uma carência de informações confiáveis sobre o COVID-19. Neste contexto, são imprescindíveis campanhas educativas para conscientizar os moradores da favela sobre as medidas de proteção contra o vírus.

Resultados da Pesquisa: COVID-19

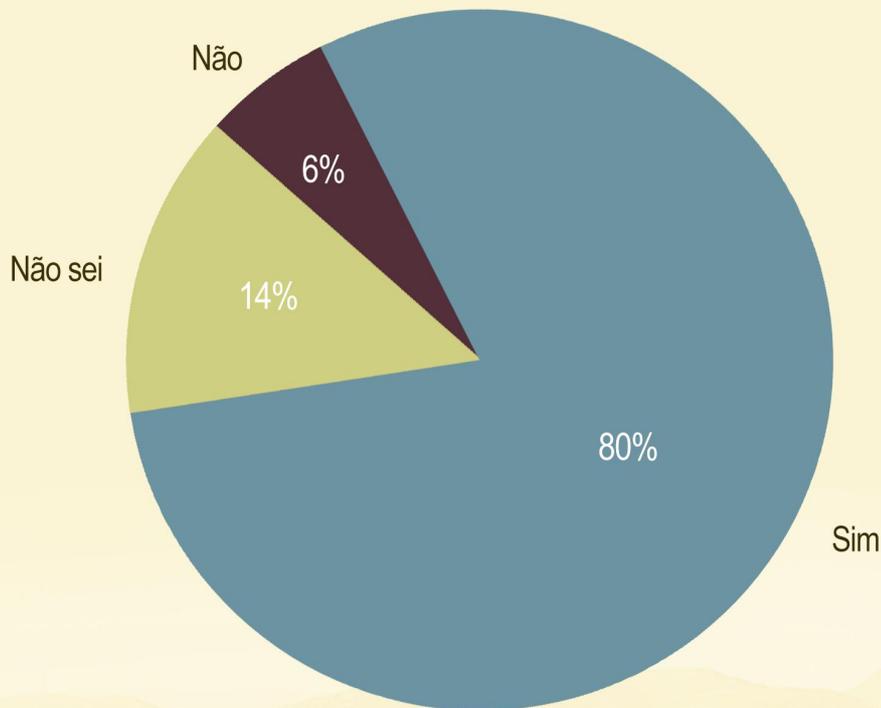
Pessoas que acreditam que a mídia está exagerando o perigo do Covid-19



Ainda no tema das informações sobre o coronavírus, nossa pesquisa encontrou que 30,1% dos respondentes duvidam ou não sabem se a mídia está exagerando sobre o perigo do coronavírus. Os participantes que duvidam ou não acreditam na cobertura da mídia sobre o COVID-19 podem ser mais suscetíveis às notícias falsas e à desinformação sobre a COVID-19 espalhadas nas redes sociais, como o WhatsApp. Essa vulnerabilidade pode acentuar ainda mais a disseminação do coronavírus na CDD, ocasionando mais casos, mortes e sequelas por COVID-19 na comunidade. Considerando a importância de se divulgar dados corretos sobre a pandemia, sobretudo em bairros como a Cidade de Deus que têm sofrido seus maiores impactos, são essenciais as iniciativas de conscientização locais que disseminam informações precisas e legítimas.

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Respondentes que pretendem tomar a vacina contra o Covid-19



Em 12 de dezembro a Folha de São Paulo relatou que 22% dos brasileiros não pretendiam se vacinar contra a COVID-19.⁸ Na Cidade de Deus, encontramos que somente 5,8% não pretendem se vacinar, e mais 14,5% não decidiram ainda. Entre aqueles que não querem a vacina, a rejeição pode estar relacionada ao fake news e opiniões de representantes de governo, que podem gerar dúvidas em relação à vacina e negação em relação à existência do vírus.

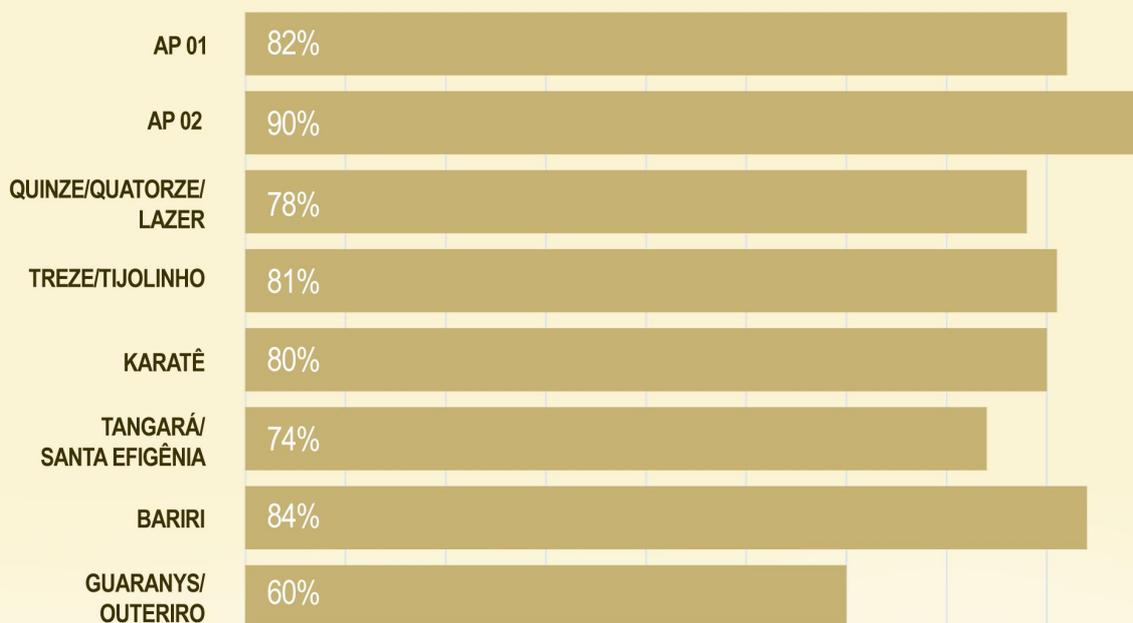
Considerando o avanço da vacinação, é essencial que iniciativas comunitárias foquem não apenas em incentivar pessoas indecisas ou negacionistas a se vacinarem, mas também que garantam o acesso à vacina para todos. Afinal, diversos estudos no Brasil e no mundo⁹ têm mostrado que populações periféricas, pobres e não-brancas justamente o perfil dos moradores da CDD têm sido vacinadas mais lentamente do que pessoas de bairros nobres, ricos e brancos. Muitos moradores de regiões periféricas como a CDD podem não ter acesso à internet e aos dispositivos adequados, ou tempo e conhecimento para usá-los, para marcarem suas vacinações, ainda mais considerando que as consultas de vacinação têm sido escassas. Assim, sugerimos que projetos locais na comunidade ajudem pessoas, sobretudo idosos, pessoas com comorbidades e pouco acesso a eletrônicos e à internet, a marcarem suas consultas para se vacinarem.

8 - Amâncio, Thiago. "Cresce a parcela que não quer se vacinar contra a Covid-19, e maioria descarta imunizante chinês." Folha de São Paulo. 12 Dec, 2020

9 - Gorziza, Amanda e Costa, João Gado F. Costa. "Vacina, prioridades e desigualdades." Folha de São Paulo. 16 Abr, 2021.

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Respondentes que pretendem tomar a vacina contra o Covid-19, por área



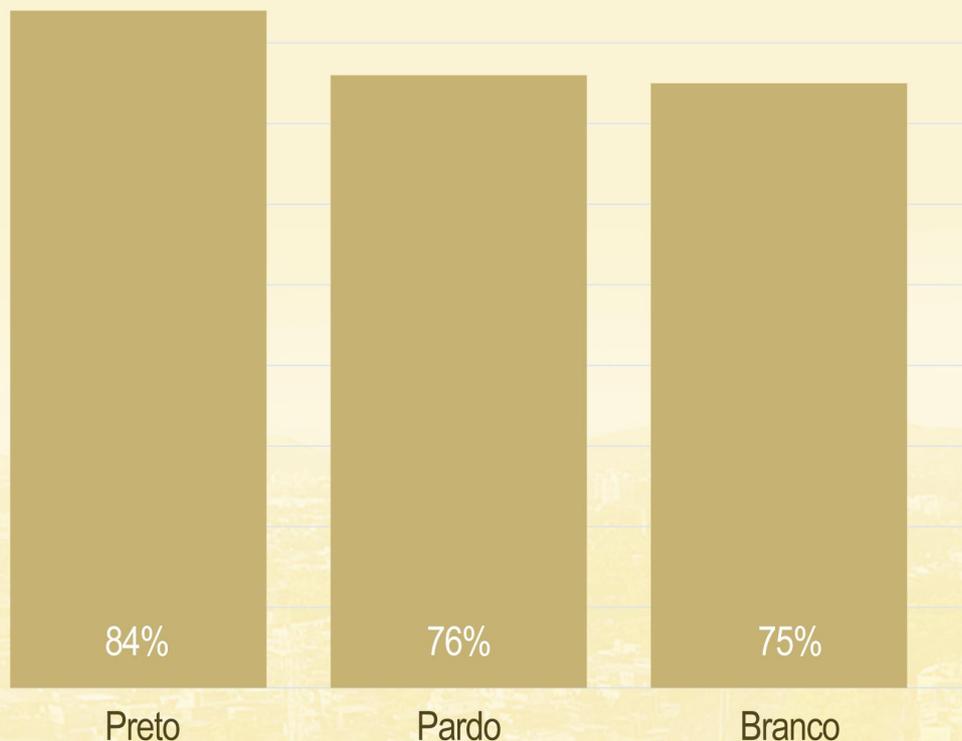
Neste gráfico, podemos ver que confiança nas vacinas contra a COVID-19 não é igual em todas as áreas da Cidade de Deus. As áreas que apresentaram maior adesão à vacina foram o AP 2 com 90% e Bariri com 84%, locais que ficam em áreas centrais de Jacarepaguá e que tem contato com bairros ao redor. As áreas que ficam mais na periferia, como Tangará/Santa Efigênia e Comunidade Guarany/S/Outeiro têm menos aprovação da vacina. Vale notar que a Comunidade Guarany/S é uma das áreas mais vulneráveis da Cidade de Deus. Em contrapartida, as três áreas que apresentam o maior número de respondentes dizendo que irão tomar a vacina são justamente as mais próximas dos serviços e equipamentos públicos de educação e saúde.

É importante ressaltar que a Cidade de Deus sofre com desigualdades internas que podem levar a diferenças em perspectivas sobre iniciativas de saúde. Algumas áreas, como Comunidade Guarany/S e Karatê, sofrem com a ausência de políticas públicas e a falta de acesso a equipamentos públicos e à informação de qualidade, que interferem nas opiniões e tomadas de decisões impactando na saúde dos moradores da comunidade. Este é um desafio ainda maior na pandemia, em que é necessário que todos tenham acesso à informação, para adotarem as medidas de proteção necessárias, incluindo a vacinação. Soma-se a este problema a desconfiança que muitos moradores de bairros periféricos podem ter do governo, devido às violências que o Estado historicamente comete contra essas populações, sobretudo seus membros mais vulneráveis. Agora que o governo começa sua campanha de vacinação, tal desconfiança pode levar mais indivíduos a acreditarem em teorias antivacina, comprometendo o processo de imunização.

Resultados da Pesquisa: COVID-19

Assim, para se aumentar o conhecimento sobre a vacina e a vacinação contra COVID-19 na CDD, deve-se investir em iniciativas de comunicação local, conduzidas por líderes locais e pessoas de confiança dos moradores. Paralelamente, é essencial continuar o trabalho de muitos coletivos e organizações da CDD, que cobram os governos federal, estadual e municipal para garantir que eles ajam de maneira equitativa e justa na disponibilização de recursos para o combate à pandemia.

Pessoas que pretendem tomar a vacina contra a Covid-19, por raça

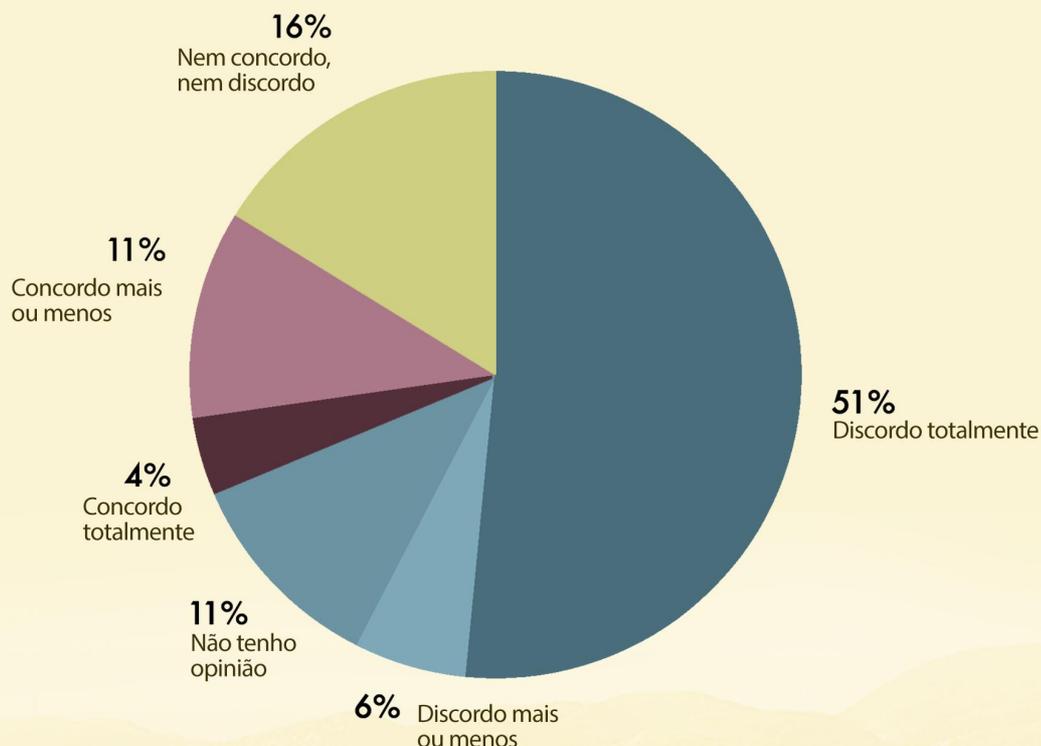


As opiniões sobre vacinação na CDD também variam de acordo com a raça do respondente: brancos são os que têm menor pretensão de tomar a vacina, com 75% deles dizendo que vão tomá-la, e pretos com maior pretensão, com 84%.

Estes dados vão de encontro àqueles apresentados no primeiro relatório publicado pelo Construindo Juntos e nos dados deste relatório, que mostram que as populações preta e parda na CDD foram as mais afetadas pela pandemia, perdendo mais renda e emprego, sofrendo mais mortes por COVID-19 e conhecendo mais pessoas mortas por COVID-19. Uma possível hipótese é que, por terem sido mais fortemente impactados pela pandemia, os moradores negros da CDD têm mais desejo de tomar a vacina para poder retomar suas vidas pessoais e profissionais e prevenir futuros impactos da COVID-19.

Resultados da Pesquisa: COVID-19

O que as pessoas pensam sobre as opiniões do Jair Bolsonaro sobre a Covid-19



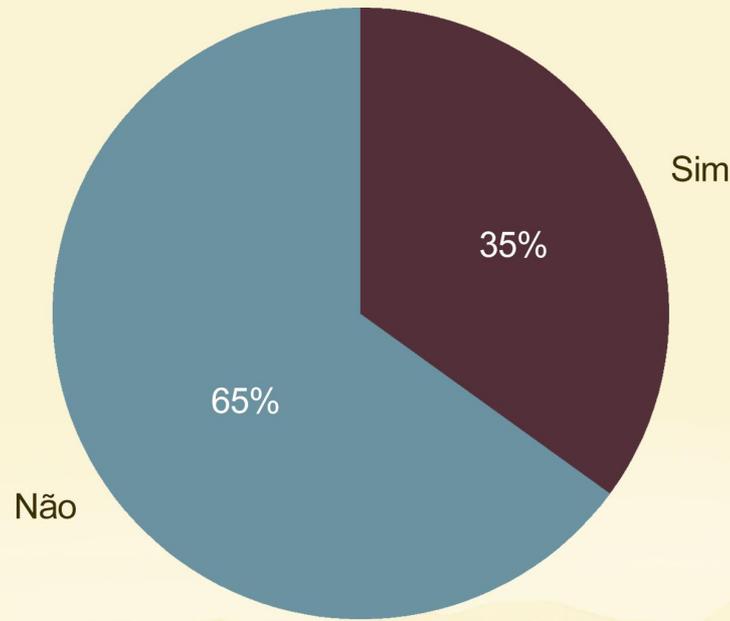
O Presidente Jair Bolsonaro têm feito muitas falas controversas ao redor da pandemia, como de que o coronavírus era somente uma “gripezinha,” e que pessoas em bom estado físico não precisavam de se preocupar em ficar doentes com o vírus. Também, o Presidente anunciou que faria um churrasco durante a pandemia, em oposição às medidas de distanciamento social recomendadas por cientistas e profissionais de saúde pública e implementadas por prefeitos e governadores. Além disso, Bolsonaro critica o uso de máscaras e incentiva aglomerações.

Na Cidade de Deus, metade dos respondentes (51%) discordam totalmente das opiniões do presidente Bolsonaro e mais 6% discordam mais ou menos, somente 3,9% dos respondentes concordam totalmente com o presidente e mais 11,4% concordam mais ou menos.

Também chama a atenção a estatística de que 16,2% dos respondentes não concordam nem discordam do presidente e mais 11% dizem não ter opinião. Nem todos gostam de se envolver na política partidária, e outros podem não ter acesso suficiente às informações necessárias para gerar opiniões próprias. Essa falta de informação pode contribuir a limites nas práticas de espalhamento desenfreado do COVID-19 dentro da CDD e a não adoção completa das medidas de combate ao vírus.

Resultados da Pesquisa: Doenças Crônicas

Casas em que pelo menos uma pessoa precisou de atenção médica por causa de doenças crônicas



Como pode se ver no gráfico acima, muitas pessoas continuam sofrendo com doenças crônicas durante a pandemia. Doenças crônicas, como diabetes, hipertensão, colesterol alto e asma, são aquelas que possuem um lento desenvolvimento e uma longa duração. Estas doenças constituem algumas das “comorbidades”, isto é, condições de saúde que aumentam as chances de alguém contaminado por COVID-19 morrer desta doença. Durante a pandemia, diversos estudos têm apontado que a COVID-19 é especialmente letal para pessoas com a saúde fragilizada, seja por serem idosas, por doenças crônicas que normalmente afetam também esse grupo, seja por hábitos de vida ou hereditariedade que se manifestam ao decorrer dos anos e acometem principalmente os idosos.

Resultados da Pesquisa: Doenças Crônicas

Vale lembrar que doenças crônicas são muito prevalentes no Rio de Janeiro e no Brasil. Por exemplo, segundo dados da pesquisa VIGITEL 2018, 31,2% da população adulta do estado do Rio de Janeiro já sofria de pressão alta antes da pandemia!¹⁰ Ao mesmo tempo, o número de idosos no Brasil vem crescendo e, entre esse grupo, doenças crônicas são muito presentes: por exemplo, 60,9% possuem diagnóstico de hipertensão. Além disso, a cidade do Rio tem 8,2% de sua população adulta diagnosticada com diabetes, sendo que 39,9% dessas pessoas têm mais de 55 anos. Portanto, o gráfico acima aponta para um possível grupo que fica mais vulnerável no contexto da pandemia, por terem doenças pré-existentes e precisarem acessar os serviços de saúde com maior frequência!¹¹

Aqui também podemos traçar um paralelo entre o impacto da pandemia com recorte de etnia citado anteriormente e as comorbidades que mais afetam este grupo. Inúmeros estudos apontam que pretos e pardos são mais acometidos por hipertensão e diabetes do que pessoas brancas. Além dos fatores socioeconômicos, esse é um dado importante para a estatística do perfil das vítimas fatais da COVID-19, homens pretos e pardos.

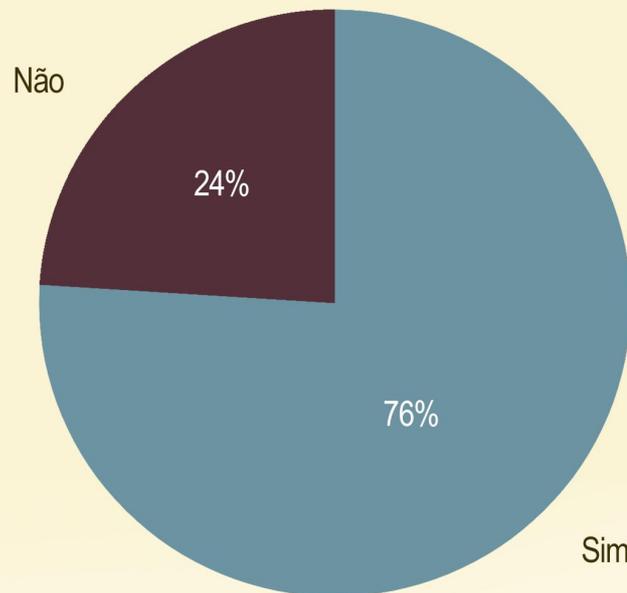
Este gráfico indica que muitos respondentes continuam precisando de outros tipos de assistência médica, além daqueles ligados à COVID-19. Assim, é essencial que provedores de saúde na CDD se atentem à saúde de pessoas com comorbidades e idosos, e ao acompanhamento e prevenção de doenças crônicas, não somente para controlar o impacto da COVID-19 mas também para tratar outras condições que continuam se agravando na Cidade de Deus.

10 - Barbosa, Rafael. "57% desaprovam e 35% aprovam governo Bolsonaro; taxas ficam estáveis. Poder360. 28 Abr 2021. <https://www.poder360.com.br/poderdata/57-desaprovam-e-35-aprovam-governo-bolsonaro-taxas-ficam-estaveis/>

11 - "10 Principais Doenças Crônicas no Brasil." Hospital Novo Atibaia. <https://hospitalnovo.com.br/novosaude/10-principais-doencas-cronicas-no-brasil/>

Resultados da Pesquisa: Doenças Crônicas

Pessoas que tiveram doenças crônicas que foram ao médico



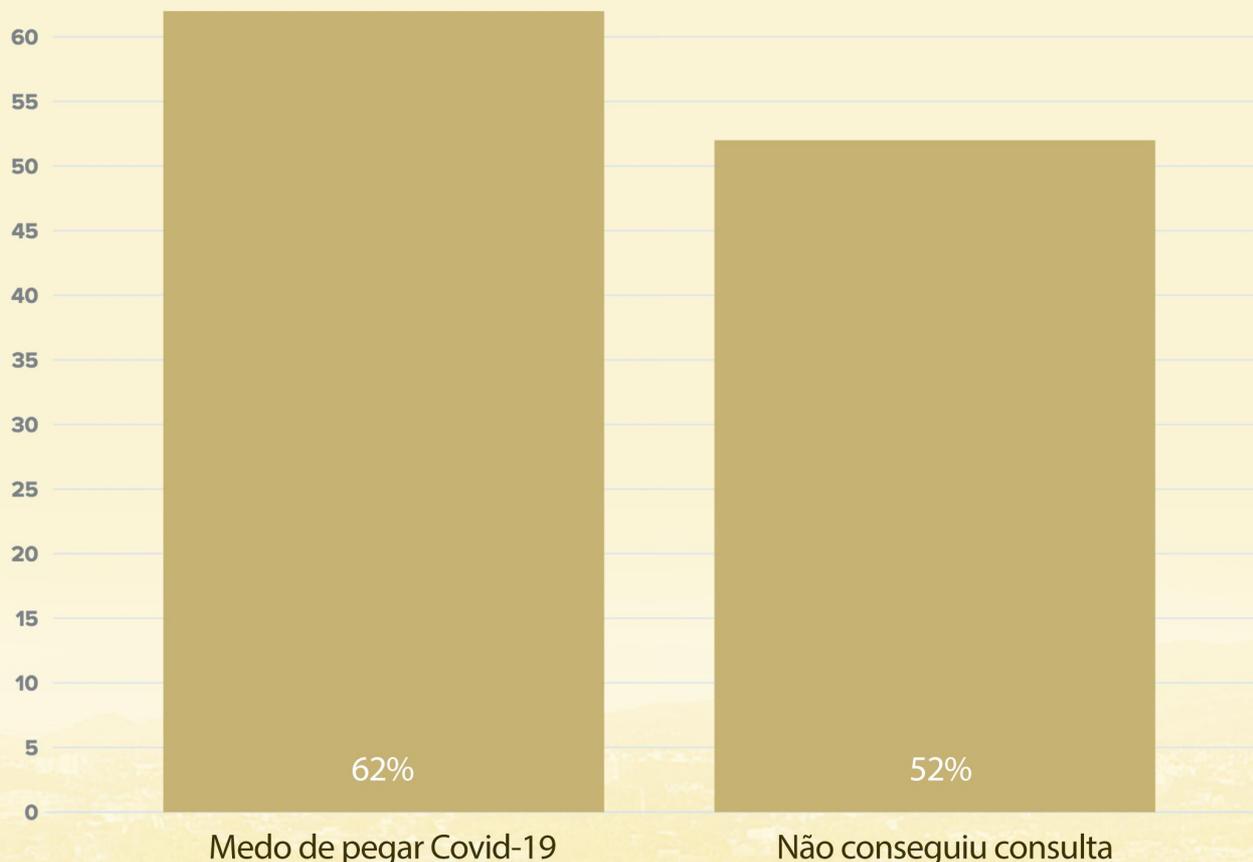
Mesmo com as limitações de atendimento, consultas e isolamento social ocasionadas pela pandemia, a maioria (76,4%) dos respondentes com doenças crônicas conseguiu alguma assistência médica quando precisou. Tal dado reforça a grande importância do SUS (Sistema Único de Saúde) para o cuidado com a saúde da população, sobretudo de baixa renda, mesmo com a sobrecarga nos atendimentos sofridos por esse sistema. Essa observação é corroborada por diversas pesquisas, que têm apontado que a confiança no SUS teve crescimento recorde durante a pandemia,¹² e pela fala de Nelson Rodrigues dos Santos, um dos criadores do SUS, que afirmou que “antes da pandemia, o SUS estava invisível!”¹³ Porém, agora que inúmeros brasileiros e seus conhecidos passaram a usar esse serviço para se tratarem do COVID-19 e de suas sequelas, mais pessoas entraram em contato com o SUS e puderam vivenciar na pele sua importância. Este é um momento oportuno para que provedores de saúde e defensores do SUS se apoiem na confiança popular neste sistema para fortalecer campanhas de fortalecimento desse bem público e continuem conscientizando a população de sua importância

12 - “Vigitel 2018: hipertensão já atinge um em cada quatro brasileiros.” Previva. Acessado Junho, 2021.
<https://previva.com.br/vigitel-2018-hipertensao/>

13 - Henrique, Bruno. “Covid-19 ameaça idosos e doentes crônicos nas favelas e periferias do Rio.” Tab Uol. 10 Abr 2021.
<https://www.google.com/amp/s/tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/10/covid-19-ameaca-idosos-e-doentes-cronicos-nas-favelas-e-periferias-do-rio.amp.htm>

Resultados da Pesquisa: Doenças Crônicas

Motivo por não conseguir ajuda médica quando foi necessário

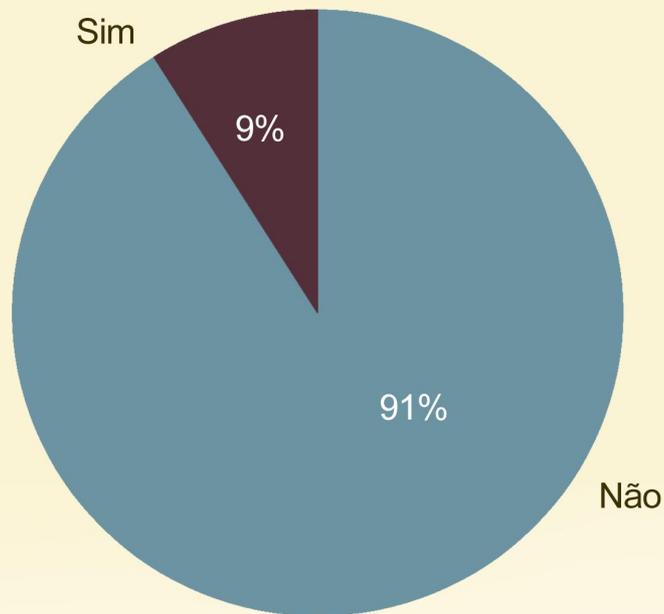


Dentre as pessoas que não conseguiram assistência médica para lidar com situações graves de saúde, a maioria (62%) relataram que tiveram medo de pegar COVID-19 na consulta. De acordo com uma reportagem da BBC, muitas pessoas faleceram de outras doenças além da COVID-19 depois de desmarcar consultas médicas e cirurgias. Além disso, a superlotação nos hospitais e o medo de contrair o coronavírus trouxeram mais dificuldades para conseguir o atendimento necessário.¹⁴

14 - Toledo, José Roberto. "Confiança no SUS tem crescimento recorde na pandemia." Folha de São Paulo. 26 Nov 2020. <https://piaui.folha.uol.com.br/confianca-no-sus-tem-crescimento-recorde-na-pandemia/>

Resultados da Pesquisa: Doenças Crônicas

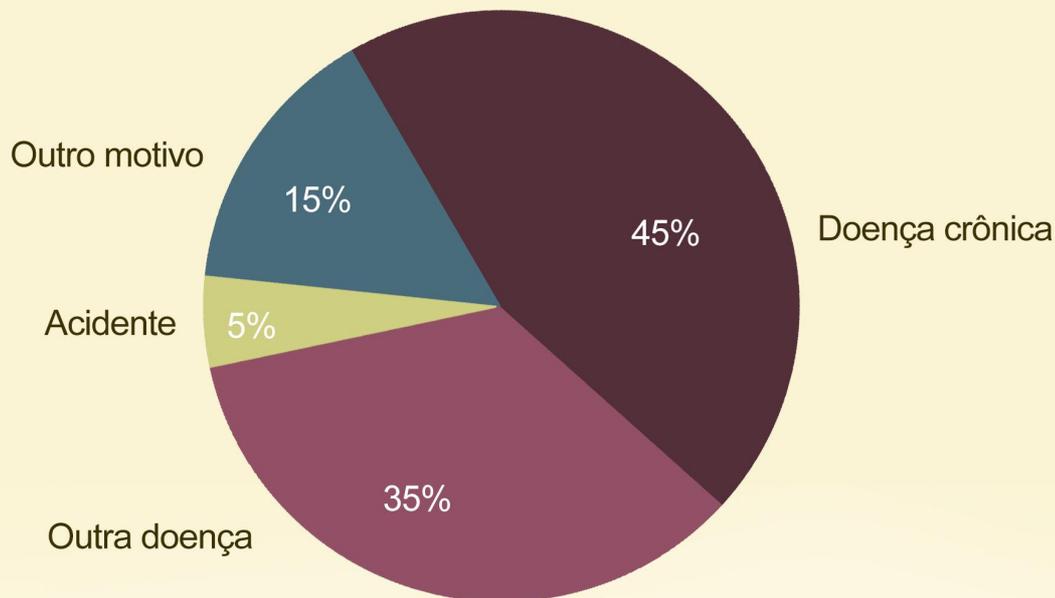
Casas onde pelo menos uma pessoas morreu por causas além da Covid-19



Dentre as casas representadas nessa pergunta, 59 delas perderam pelo menos uma pessoa por outras doenças e acidentes. Comparamos isso com 41 pessoas que faleceram com sintomas de COVID-19. Ou seja, mais pessoas faleceram por causa de doenças crônicas e imediatas do que por COVID-19. Por um lado, essa observação pode ser indicativa do baixo índice de testagem de COVID-19 e, por outro, ela pode apontar, também, a prevalência de doenças crônicas em bairros pobres como a CDD. Assim, o poder público deve investir, também, em políticas de prevenção, monitoramento e tratamento não só de COVID-19, mas de doenças crônicas em localidades como a CDD.

Resultados da Pesquisa: Doenças Crônicas

Motivo pelo qual a pessoa faleceu

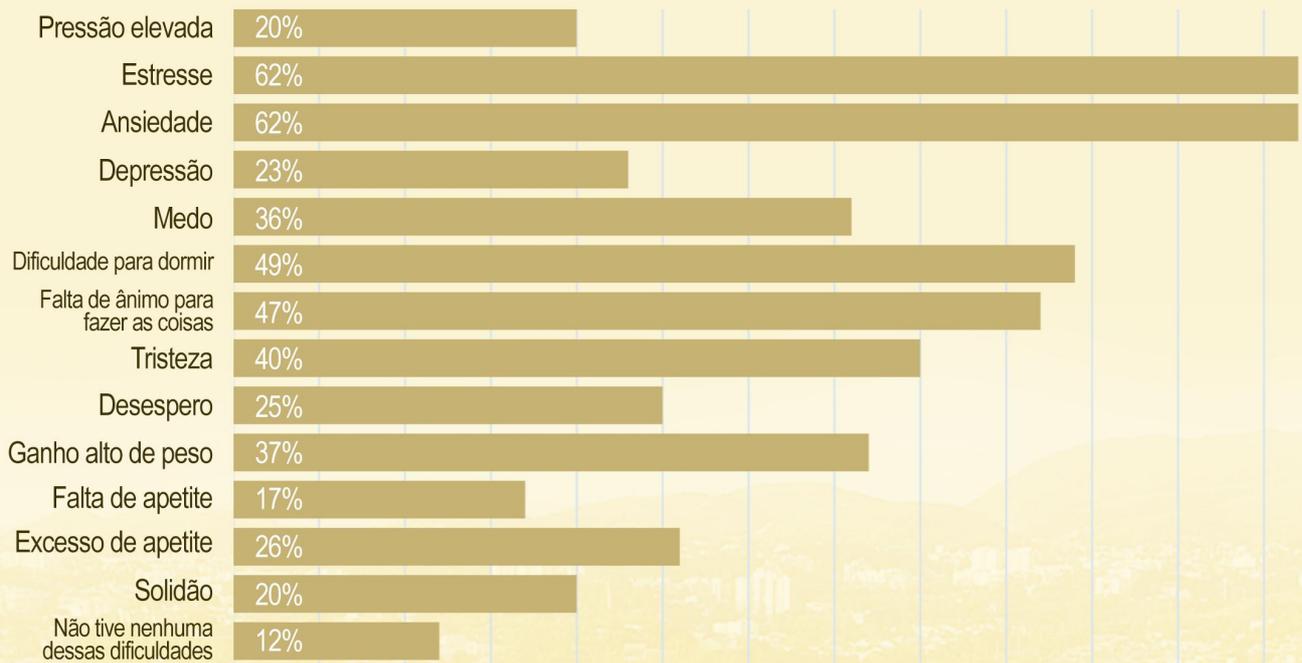


Notamos neste gráfico que a maior parte (44,8%) das mortes reportadas foram causadas por doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e câncer. É bem provável que em muitos casos os familiares não tenham certeza do motivo do falecimento, sendo que o atendimento médico já foi baixo, e provavelmente não houve autópsia para diagnosticar o motivo da morte. Esse contexto precarizado pode ajudar a explicar o alto índice de mortes que foram reportadas como causadas por “Outra doença” (34,5%). Também é possível que algumas dessas mortes foram causadas pelo coronavírus, mas sem comprovação. Deve-se ressaltar que antes da pandemia muitas pessoas na CDD já estavam doentes. A falta de leitos, as dificuldades em conseguir atendimento médico e outros problemas dificultaram o acesso a tratamentos médicos, alguns que poderiam ter sido essenciais para salvar as vidas dessas pessoas.

Resultados da Pesquisa: Saúde Mental

A pandemia agravou não somente problemas de saúde física, mas também emocional. Como indica o gráfico abaixo, somente 12% dos respondentes não sofreram pioras na saúde mental; ou seja, 88% dos respondentes tiveram um agravamento em dificuldades relacionadas à saúde mental.

Condições que se agravaram para respondentes durante a pandemia



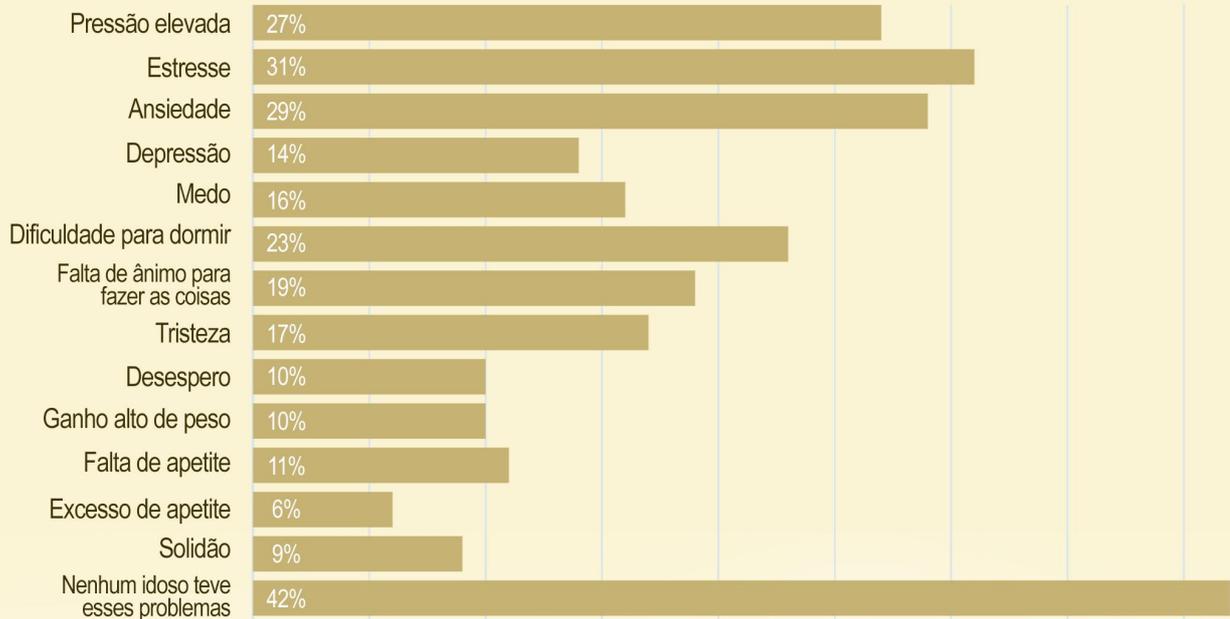
Estresse (62%) e ansiedade (62%) foram as condições que mais se agravaram durante a pandemia. Muitos também relataram dificuldades para dormir (49%) e falta de ânimos para fazer as coisas (47%), que muitas vezes estão relacionados com a depressão.

Nas histórias que coletamos sobre o impacto da pandemia em moradores da CDD, houve muitos relatos explicando o motivo do agravamento nessas condições. Muitos falaram de novas preocupações sobre contrair o coronavírus, no bem-estar dos seus filhos, e o estresse de perder empregos e não saber como iriam pagar as contas. O distanciamento social também foi muito impactante, causando tristeza e depressão entre aqueles que ficaram vários meses sem poder sair de casa ou ver familiares e amigos íntimos.

“Tenho depressão e a pandemia me deixou ainda mais nervosa e ansiosa. Meus remédios não estavam fazendo o efeito desejado por serem genéricos. Eu e minha família nós isolamos na roça, casa dos meus sogros. Meu marido é do grupo de risco por ser transplantado e chegamos a conclusão que seria mais seguro pra ele nos isolarmos. Porém depois de um mês, minha filha mais velha precisou voltar a trabalhar, ela pega ônibus e metrô lotado para chegar ao seu destino.”

Resultados da Pesquisa: Saúde Mental

Problemas de saúde mental em idosos (60+)



Neste gráfico, vê-se que a pandemia também teve efeitos na saúde mental dos idosos, pessoas com mais de 60 anos. Em total, 58% dos respondentes relataram que pelo menos uma pessoa dentro de sua casa com mais de 60 anos teve um aumento em alguma dificuldade mental. Notamos que os impactos mais comuns entre idosos foram estresse (31%) e ansiedade (29%). Em seguida foi pressão alta com 27%. A pressão alta normalmente acomete esse público e devido às tensões, preocupações, momentos de isolamento social, tendem a agravar.

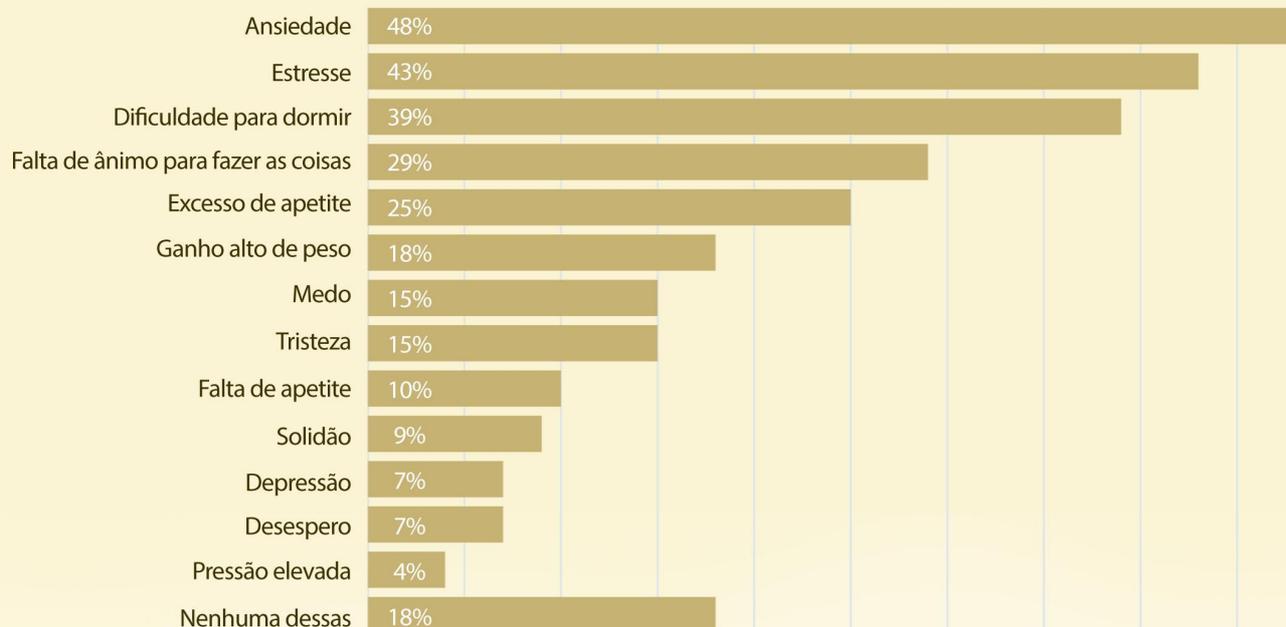
É surpreendente, porém, que os idosos parecem ter lidado com a pandemia melhor que os próprios respondentes. Uma explicação é que os respondentes têm mais conhecimento dos seus próprios sentimentos do que das pessoas idosas morando nas suas casas. Talvez se os idosos estivessem respondendo por si mesmos, os números seriam mais elevados. Ou seja, é possível que muitos idosos estejam sofrendo em silêncio. Também é possível que a pandemia não os tenha afetado de uma forma tão grave quanto os adultos, muitos que além de sofrer perdas e dificuldades, também foram em maioria os responsáveis financeiros da casa. É possível então que o estresse e as preocupações ligadas à responsabilidade de cuidar da família tenham causado uma elevação no sofrimento emocional.

Mesmo assim, podemos ver os efeitos colaterais do distanciamento e da falta de contato físico e o isolamento social, que são contraditórios ao que se recomenda para os idosos. Nessa idade, as pessoas precisam desse contato, de sentirem-se ativos para que transtornos emocionais não ocorram.

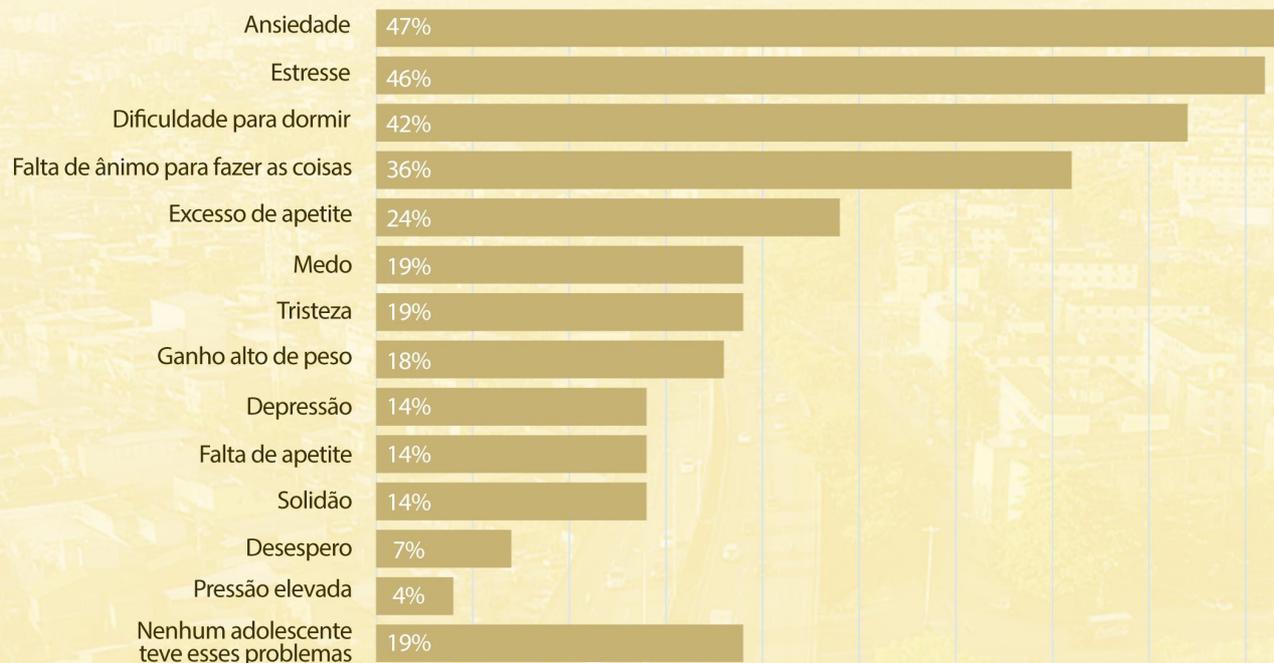
“Minha mãe surtou literalmente. Chorava todas as vezes que eu saía pra trabalhar. Hoje está mais Trank, infelizmente fomos afetados psicologicamente. Crises de ansiedade são constante. Não vemos mais notícias sobre o assunto. Eu não falo nada, mas choro todas as vezes que tenho que trabalhar.”

Resultados da Pesquisa: Saúde Mental

Casas onde pelo menos uma criança sofreu uma piora na saúde mental



Casas onde pelo menos um adolescente sofreu pioras na saúde mental



“ Nossa aqui em casa muitas vezes nos sentimos como se estivéssemos vivendo um filme de ficção com terror. E visível ver o quanto nossas filhas estão estressadas irritadas e até deprimidas. Como eu tive todos os sintomas de forma muito severa. Elas temem o pior. Não ficam confortáveis em sair de casa nem de ir a lugares próximos como padaria. As vezes elas principalmente a mais velha diz que não sabe mais falar com pessoas. Elas perderam um pouco a noção de dia, alteração do sono. Já eu que trato de depressão e tive todos os sintomas de forma severa. Morro de medo de pegar de novo. ”

Resultados da Pesquisa: Saúde Mental

As crianças e adolescentes também sofreram fortes consequências da pandemia. Os maiores impactos sobre o estado psicológico deste grupo dentro da pandemia foram a ansiedade e o estresse. O período de isolamento social, em que a convivência foi afetada, com as escolas fechadas e a falta de lazer, foi um dos fatores para esse agravamento. A falta de interação com os colegas, a mudança do ambiente de aprendizado, um contexto digital em que coloca responsabilidade de cumprirem sozinhos suas tarefas também afetou a estabilidade emocional desse público.

Esses transtornos tomam maiores proporções na pandemia e prejudicam o desenvolvimento físico e mental dessas crianças. Porém, poucos jovens estão sendo tratados, algo que pode trazer prejuízos a longo prazo e na fase adulta.

Sabemos que a adolescência é uma das fases mais difíceis da vida, pois é o momento de formação do ser humano, uma etapa de autoconhecimento, auto aceitação e principalmente aceitação social. Além disso, vale notar que nem todos possuem o mesmo acesso ao universo digital, bem como possuem equipamentos ou internet. Seguramente, as crianças e adolescentes sem essas tecnologias ou outras opções para brincar e manter contato com seus amigos podem ter sofrido mais problemas de saúde mental.

“ Acho que a pior parte disso tudo foi o quanto mexeu com o psicológico da gente. Meu filho mais novo entrou em depressão e tbm foi tomado pela ansiedade. Eu o pegava pelos cantos encolhido em posição fetal e olhando pro nada. Quando perguntava o que tinha, preocupada, ele choroso respondia que queria a nossa rotina de volta, queria a nossa vida corrida e ã aguentava mais estar trancado em casa. Ele ã consegue dormir direito. E o tempo todo procura o que comer. Deita na cama e rola 1, 2 horas. Quando adormece já é mais de meia-noite, daí, no dia seguinte acorda meio-dia. Totalmente desregulado. Engordou 10 kgs. Imagina uma criança de 9 anos com sobrepeso de 10kgs? E eu, todas as vezes que precisava sair de casa, tinha crises que ansiedade horrorosas. Já na véspera tinha dor de cabeça, dor de barriga, diarréia, crise de choro. Meu momento de paz era a hora em que estavam todos em casa. Teve um dia que meu marido ficou mal, febre, tosse, parecia uma gripe forte. Fiquei apavorada. Eu tinha azitromicina em casa por conta da minha sinusite e mesmo sabendo que era errado dei pra ele juntamente com chás daqueles que a mãe da gente dava quando gripávamos. Tive muito medo pois sei que os sintomas da covid se assemelham. Não tínhamos como deixá-lo isolamento pois aqui em casa temos apenas 1 quarto. Eu só pedia à Deus pra que ã fosse a doença e que ã afetasse ninguém. daqueles que a mãe da gente dava quando gripávamos. Tive muito medo pois sei que os sintomas da covid se assemelham. Não tínhamos como deixá-lo isolamento pois aqui em casa temos apenas 1 quarto. Eu só pedia à Deus pra que ã fosse a doença e que ã afetasse ninguém. ”

Conclusão

A pandemia tem tido impactos graves nas condições de saúde na Cidade de Deus. Além de mortes e sequelas relacionadas a COVID-19, muitos continuaram sofrendo com doenças crônicas e problemas de saúde mental. Enxergamos agora um cenário em que todas as gerações foram impactadas, desde crianças até idosos. Viver em situação de desigualdade social, em que as condições mínimas para uma vida digna estão escassas por si só já afeta a saúde física e mental dessas pessoas. A COVID-19 trouxe impactos negativos ainda maiores. Se a CDD precisava de políticas públicas antes, neste momento estas se tornam uma condição vital e urgente para a garantia de direitos humanos e o bem-estar dos diversos membros da comunidade.

Recomendações de Políticas Públicas

- O coronavírus continua a se espalhar pela Cidade de Deus e outras comunidades, causando graves sintomas, agravando doenças crônicas e provocando mais mortes. É urgente que haja mais ações de conscientização com linguagem fácil e acessível para todos os públicos acerca dos sintomas, dos protocolos de segurança e higiene para conter a disseminação da COVID-19.
- Também é necessário uma campanha de vacinação para encorajar não somente a primeira mas a segunda dose da vacina contra a COVID-19. Sobretudo, é preciso voltar a atenção aos idosos, pessoas com comorbidades e pouco acesso a eletrônicos e à internet, a marcarem suas consultas para se vacinarem.
- Sugerimos que provedores de saúde na CDD implementem um programa de monitoramento da saúde de moradores da CDD que se curaram da COVID-19, para observar, prevenir e tratar possíveis sequelas relacionadas ao coronavírus.
- É importante reconhecer e apoiar os coletivos da CDD que têm feito inúmeras ações de distribuição de equipamentos de proteção individual, como máscaras e álcool em gel, dentro da CDD. Recomendamos que o poder público invista mais fortemente nesse tipo de programa, tanto na Cidade de Deus, quanto no Brasil como um todo.
- Muitos continuam sofrendo com doenças crônicas e outros tipos de doenças, mesmo com a chegada de uma nova pandemia. Moradores da CDD precisam de clínicas de saúde com médicos, leitos, equipamentos e medicamentos.

Conclusão

Recomendações de Políticas Públicas

- Atualmente existe a Rede de Atenção à Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas, mas não acontece de forma contínua e efetiva, pois é necessário reforçar o investimento em médicos, enfermeiros, equipamentos básicos e na especialização de profissionais para que o programa aconteça efetivamente.
- Também é urgente a realização de um plano efetivo de enfrentamento e prevenção de doenças crônicas, no que refere-se ao conjunto de hábitos que promovam a saúde, principalmente relacionados à obesidade, hipertensão e diabetes, que estatisticamente afetam com maior gravidade a população preta e parda.
- Recomendamos que o Estado promova e invista em programas de prevenção e tratamento de transtornos psíquicos, pensando no momento presente e no pós-pandemia.
- A Cidade de Deus se beneficiaria muito da implementação de Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) dentro da Cidade de Deus, pois não temos essa modalidade de atendimento dentro da comunidade. Existem CAPS em outros bairros, porém atendem de acordo com a localidade e não abrangem a área da CDD.
- A Cidade de Deus já tem moradores profissionais em psicologia e terapia, porém não existem recursos financeiros suficientes para apoiar seus trabalhos. Além de buscar psicólogos e outros profissionais para trabalhar com moradores afetados emocionalmente pela pandemia, seria muito importante investir nos profissionais e nos recursos já existentes e que conhecem bem as necessidades do local.
- Também seria útil desenvolver ações de promoção de saúde mental, como psicoterapia individual e em grupo, intervenções terapêuticas coletivas, regime de atenção diária e acompanhamento contínuo. Existem atualmente muitas terapias inovadoras para lidar com traumas e crises, que poderiam beneficiar muito os moradores da Cidade de Deus. Os programas já existentes necessitam de monitoramento, manutenção e reformulação para lidar com as novas demandas causadas pela pandemia.
- Além disso, recomendamos que tais iniciativas de atendimento à saúde mental promovam ações específicas para pessoas pretas e pardas, pois estas têm uma incidência desproporcional de problemas emocionais, que podem ser especificamente relacionados às suas vivências de racismo e discriminação.

Conclusão

Recomendações de Políticas Públicas

- Deve-se, também, pensar em ações de saúde mental especificamente para idosos, crianças e adolescentes, considerando as necessidades e particularidades de cada um desses grupos, durante e após a pandemia. Ao mesmo tempo, é preciso orientar os responsáveis e cuidadores de idosos, crianças e adolescentes sobre a prevenção e identificação de problemas de saúde mental nessas populações.
- Sugerimos que representantes do poder público, psicólogos, assistentes sociais e educadores físicos da Cidade de Deus elaborem estratégias para promover o lazer para a população da comunidade, sobretudo para crianças, adolescentes e idosos, respeitando os protocolos de combate à pandemia. Tais iniciativas são vitais para o zelo com a saúde física e mental dos moradores da CDD e podem ajudar a reduzir as aglomerações.

